

**Lilia dos Santos Seabra**

**Estado da Arte da História Ambiental no Brasil:**

**discussões introdutórias**

**Rio de Janeiro 2015**

**Estado da Arte da História Ambiental do Brasil:**

**discussões introdutórias**

**Lilia dos Santos Seabra**

**Monografia submetida ao corpo docente da Escola de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciado em História, sob orientação da ProfaDra Lise Sedrez.**

**Rio de Janeiro 2015**

**Estado da Arte da História Ambiental no Brasil:**

**discussões introdutórias**

**Lilia dos Santos Seabra**

**Aprovado por:**

**Prof a. Lise Sedrez - Orientador (Doutora/UFRJ)**

**Prof.(titulação/Instituição)**

**Rio de Janeiro**

**2015**

**AGRADECIMENTOS**

ÀProfDr Lise Sedrez pela orientação e atenção dada a esta empreitada.

Aos graduandos em Geografia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense /UERJ - Henrique Carvalho e Thaís Gulias - pela colaboração na pesquisa tipo *survey* e tabulação de dados.

Aos professores e pesquisadores das universidades públicas brasileiras, que colaboraram com respostas à pesquisa *survey*.

**RESUMO**

Este trabalho objetivou compreender o estado da arte da História Ambiental, no Brasil, contribuindo, ainda que preliminarmente, para a compreensão desta no interior da historiografia contemporânea nacional. Para atingir ao objetivo, a metodologia adotada está composta de duas etapas interdependentes: a primeira etapa buscou, em linhas gerais, compreender o perfil do pesquisador e das pesquisas em História Ambiental, no Brasil. Foram feitas, para tal finalidade, pesquisas na *internet,* junto às universidades públicas em todo o país. A segunda, etapa, complementar à primeira, constituiu de uma pesquisa qualitativa, com aplicação de questionário do tipo *survey* aos pesquisadores que foram identificados na primeira etapa da metodologia. Objetivou-se, com isso, angariar opiniões e informações acerca das pesquisas por eles desenvolvidas; assim como, o entendimento que os mesmos têm sobre este novo campo do conhecimento. Foi levantado um total de 68 pesquisadores em história ambiental, na primeira etapa da pesquisa. Destes, 17 foram respondentes da pesquisa tipo *survey* (segunda etapa). Os resultados apontaram, em linhas gerais, que os estudos em História Ambiental, no Brasil, estão em expansão**.** Embora **c**oncentrado nas regiões sul e sudeste do país, os pesquisadores, em sua maioria historiadores, abordam temas variados; para além daqueles tradicionalmente tratados em todo mundo, num profícuo exercício do diálogo interdisciplinar, com profissionais de diversas áreas do conhecimento.

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

|  |  |
| --- | --- |
|  | **p.** |
| **Figura 1 - Pesquisadores em H.A por Região Brasileira-----------------------------** |  |
|  |  |
| **Figura 2 - Pesquisadores em H.A por Universidades Brasileiras / Região Sul -** |  |
|  |  |
| **Figura 3 - Pesquisadores em H.A por Universidades Brasileiras / Região Centro-Oeste ---------------------------------------------------------------------------------** |  |
|  |  |
| **Figura 4 - Pesquisadores em H.A por Universidades Brasileiras / Região Nordeste ---------------------------------------------------------------------------------------** |  |
|  |  |
| **Figura 5 - Pesquisadores em H.A por Universidades Brasileiras / Região Sudeste -----------------------------------------------------------------------------------------** |  |
|  |  |
| **Figura 6 - Formação Básica dos Pesquisadores em H.A no Brasil ----------------** |  |
|  |  |
| **Figura 7 - Origem dos Respondentes por Região-------------------------------------** |  |
|  |  |
| **Figura 8- Formação Básica dos Respondentes ---------------------------------------** |  |
|  |  |
| **Figura 9 - Referencial Teórico-Metodológico em H.A -------------------------------** |  |
|  |  |
| **Figura 10 - Fontes Utilizadas na Pesquisa ----------------------------------------------** |  |
|  |  |
| **Figura 11- Quantidade de Fontes Utilizadas -------------------------------------------** |  |
|  |  |
| **Figura 12 - Campos do saber em Interface com Pesquisa Desenvolvida---------** |  |
|  |  |
| **Figura 13 - Tempo de Duração da Pesquisa -------------------------------------------** |  |
|  |  |
| **Figura 14 - Fontes de Financiamento da Pesquisa ------------------------------------** |  |
|  |  |
| **Figura 15 - Dificuldades Encontradas no Desenvolvimento da Pesquisa --------** |  |
|  |  |
| **Figura 16 - Campos do Saber em Diálogo com a H.A--------------------------------** |  |
|  |  |
| **Figura 17 - Pesquisadores Referências em H.A no Brasil ---------------------------** |  |
|  |  |
| **Figura 18 - Pesquisadores Referências em H.A no Mundo -------------------------** |  |
|  |  |
| **Figura 19 - Obra Referência em H.A no Brasil ---------------------------------------** |  |
|  |  |
| **Figura 20 - Obra Referência em H.A no Mundo --------------------------------------** |  |

**SUMÁRIO**

|  |  |
| --- | --- |
|  | **p.** |
| **1 INTRODUÇÃO --------------------------------------------------------------------** | **1** |
|  |  |
| **2 DISCUSSÃO TEMÁTICA -------------------------------------------------------** | **2** |
|  |  |
| **2.1 A Proto-História da História Ambiental -------------------------------** | **3** |
| **2.1.1 História Ambiental: A Contribuição da Escola de *Annales* ---** |  |
| **2.1.2 História Ambiental: A Contribuição de Fernand Braudel ----** |  |
|  |  |
| **2.2 História Ambiental: Nascimento de um Novo Campo do Saber --** |  |
| **2.2.1 História Ambiental: Primeiras Incursões Reflexivas ------------** |  |
| **2.2.2 História Ambiental no Brasil -----------------------------------------** |  |
|  |  |
| **3 METODOLOGIA -----------------------------------------------------------------** |  |
|  |  |
| **3.1 Perfil do Pesquisador em História Ambiental no Brasil ------------** | **10** |
| **3.2 Aplicação de Questionário/ Pesquisa Tipo *Survey* --------------------** |  |
| **3.3 Método de Análise dos Resultados ---------------------------------------** |  |
|  |  |
| **4 RESULTADOS E ANÁLISES --------------------------------------------------** |  |
|  |  |
| **4.1 Perfil do Pesquisador em História Ambiental no Brasil ------------** |  |
| **4.2 Análise dos Questionários/Pesquisa Tipo *Survey* ---------------------** |  |
| **4.2.1 Dados dos Respondentes ----------------------------------------------** |  |
| **4.2.2Análise do Bloco 1 ------------------------------------------------------** |  |
| **4.2.3Análise do Bloco 2 ------------------------------------------------------** |  |
|  |  |
| **5 QUADRO-RESUMO DO ESTADO DA ARTE DA HISTÓRIA AMBIENTAL NO BRASIL -------------------------------------------------------** |  |
|  |  |
| **6 CONCLUSÔES --------------------------------------------------------------------** |  |
|  |  |
| **7CONSIDERAÇÕES FINAIS ----------------------------------------------------** |  |
|  |  |
| **8REFERÊNCIAS --------------------------------------------------------------------** |  |
|  |  |
| **9 ANEXOS** |  |

**1 INTRODUÇÃO**

A História Ambiental, como um recorte da questão ambiental e da historiografia, vem se constituindo como uma área do conhecimento, desde a década de 70. Na atualidade, a História Ambiental exibe um campo de exploração própria e complexa, que exige, inclusive, a confluência interdisciplinar de diversas áreas do conhecimento. A importância da colaboração das demais ciências à compreensão da História Ambiental é inconteste, exigindo deste pesquisador a capacidade de trânsito por áreas do saber, até então estranhas à sua formação. O historiador ambiental, antes de tudo, deve saber coadunar o conhecimento das ciências sociais aos conhecimentos das ciências naturais, num discurso explicativo, onde a relação entre sociedade e natureza, ao longo do tempo histórico, prime pela interação e complexidade (SEABRA, 2010).

Frente à necessidade de um discurso interdisciplinar, para o desenvolvimento da História Ambiental, há uma pluralidade de acadêmicos envolvidos na temática, contribuindo, cada qual, para a construção de um mosaico de abordagens teórico-conceituais e metodológicas; bem como, para o ingresso de novas fontes documentais e temas. É, sem dúvida, um campo do conhecimento com capacidade de aglutinação de diferentes acadêmicos, e de valorização holística do conhecimento.

Nas últimas décadas, muitos encontros científicos vêm sendo realizados no país sobre a temática da História Ambiental, com chamadas que apelam para os diferentes profissionais, das diversas áreas do conhecimento. Destaque deve ser dado ao Simpósio bianual Internacional de História Ambiental e Migrações, promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina, com dezenas de participantes brasileiros, atestando a envergadura e importância deste novo campo do conhecimento na pesquisa nacional.Novas redes interativas entre pesquisadores são constituídas em todo o país. Temas variados são expostos nos encontros e na produção literária científica. Questões da evolução/alteração dos ecossistemas naturais, na relação com as sociedades humanas são abordados, abrindo um leque sem-fim de novas fontes e metodologias de abordagem.

No Brasil, vários grupos de pesquisas vêm se constituindo nos últimos anos. Destaque deve ser dado aos grupos: LABINHA - Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental (PPGH-UFSC); Laboratório de História Ambiental e Gênero (PPGH-DEHIS-UNICENTRO); Laboratório História e Ecologia (PPGH-UFRJ); Laboratório de História e Meio Ambiente da UNESP e o Grupo de Pesquisa em História Ambiental do Vale do Itajaí (GPHAVI/FURB/SC).Destaque deve ser dado, ainda, à Rede Brasileira de História Ambiental - RBHA, que vem, desde a sua fundação, em 2007, divulgando a história ambiental brasileira, centralizando informações por meio digital e contribuindo para a formação de um banco de dados na temática em questão (RBHA, 2015).

Há, portanto, como se observa, um momento fértil para a inserção colaborativa das diferentes ciências aos problemas ambientais emergentes, no Brasil e no mundo.Constitui, na atualidade, um momento importante, também, para compreender a parcela de responsabilidade da ciência histórica nesta questão social; assim como, a contribuição dos pesquisadores brasileiros neste novo campo do conhecimento. Questões como: qual o perfil profissional dos diferentes pesquisadores em história ambiental; quais as fontes comumente utilizadas; quais as temáticas abordadas, com recorrência, em seus trabalhos e qual a base teórica/conceitual e metodológica por eles assumidas, foram os desafios inerentes a este trabalho de conclusão de curso.

Diante das questões acima destacadas, objetivou-se, neste trabalho,compreender o estado da arte da História Ambiental, no Brasil, contribuindo, ainda que preliminarmente, para a compreensão desta no interior da historiografia contemporânea nacional.

Para atingir o intento deste trabalho, a metodologia adotadaestá composta de duasetapas interdependentes: a primeiraetapa buscou, em linhas gerais, compreender o perfil do pesquisador e das pesquisas em História Ambiental, no Brasil. A segunda,etapa, complementar à primeira, constituiu de uma pesquisa qualitativa, com aplicação de questionário do tipo *survey* aos pesquisadores que foram identificados na primeira etapa da metodologia. Objetivou-se, com isso, angariar opiniões e informações acerca das pesquisas por eles desenvolvidas; assim como, o entendimento que os mesmos têm sobre este novo campo do conhecimento.

Este trabalho foi estruturado da seguinte forma: O item 2 se refere às discussões sobre a temática da História Ambiental.Falou sobre a contribuição da Escola de *Annales* e do pensamento de Fernand Braudel para a História Ambiental; bem como, expôs as incursões iniciais dos pesquisadores na temática em questão,no mundo e no Brasil. A seguir, no item 4, foi apresentada a metodologia adotada para atender ao objetivo almejado. O item 5 se prestou à exposição dos resultados e análises. O item 6, intitulado “Análise Conjunta dos Resultados”, foi feito o trabalho de síntese analítica dos resultados, obtidos no item anterior.

**2 DISCUSSÃO TEMÁTICA**

Esta parte do trabalho discute a importância da Escola dos *Annales* e da obra de Fernand Braudel, sobre o Mediterrâneo, na construção e inserção da História Ambiental na historiografia contemporânea. Aborda, ainda, com a mesma finalidade, o percurso histórico deste novo campo do conhecimento, no Mundo e no Brasil, destacando seus principais expoentes e organizações acadêmicas, envolvidas com a problemática.

**2.1 A Proto-História da História Ambiental**

Não é a intenção, deste item (embora o título possa sugerir), buscar as origens, na academia, da História Ambiental. Este intento seria de muito pouco êxito em um trabalho desta natureza, e gozaria senão da superficialidade. Contudo, em uma discussão temática, não há como desconhecer, na contemporaneidade, a importância do movimento da Escola dos *Annales* como precursora e parideira de novos campos do saber e de abordagens originais sobre temas, inclusive, já bastante discutidos pela historiografia. É neste contexto,da renovação da historiografia contemporânea,a partir da Escola dos *Annales*, que a História Ambiental será, aqui, localizada e discutida; pretendendo com isso, poder captar a contribuição deste movimento para a organização deste novo campo do saber e para a formação da mentalidade do historiador ambiental.

Assim, inicialmente, buscaram-se extrair, das idéias e críticas de Bloch e Febvre nos prelúdios da Escola dos *Annales*, oselementos constitutivos embrionários da História Ambiental. Posteriormente, apesar de reconhecer a importância das diferentes gerações da Escola dos*Annales*para a inspiração e composição teórica-conceitual e metodológica da História Ambiental, foi realizada uma análise focal e interessada, em especial, nas obras de Fernand Braudel, acerca da história das civilizações do Mediterrâneo, partindo do argumento que o autor soube, como poucos, articular as diferentes variáveis, que compuseram a experiência humana nesta região do planeta.Aqui é entendido, que a historiografia produzida por Braudel é precursora, mesmo que embrionária, do que hoje a historiografia admite denominar de “História Ambiental”.

**2.1.1 História Ambiental: AContribuição da Escola dos*Annales***

A “história-problema” construída a partir da Escola dos *Annales* colocou o historiador em uma posição ativa diante dos fenômenos históricos. É o momento em que os ensaios historiográficos se colocam como uma experiência, a qual o historiador se vê diante da inevitabilidade da exposição dos problemas e das perguntas que faz ao tempo passado; levantando hipóteses, selecionando as fontes e as técnicas mais compatíveis a sua abordagem.

No contexto acima, o texto historiográfico é fruto de uma pesquisa exploratória, onde as respostas dadas às perguntas feitas ao passado são temporárias e mediatizadas pelas necessidades do presente. O passado é, então, constantemente reaberto pelo historiador, que com novas hipóteses, revisita velhos temas, sob novas óticas, hipóteses, fontes e perguntas (REIS, 2010). Esta é a “Nova História”, que reconhece o trabalho do historiador como reconstrutor do passado, quando este está sensibilizado e mobilizado pelas questões do presente, as quais deseja tentar compreender.

A “Nova História” - construção derivada da Escola dos*Annales* - vem confrontar com a realidade das pesquisas historiográficas, até então produzidas, onde a verdade dos fatos já está dada aprioristicamente; bastando, somente, uma narrativa asséptica, desideologizada do passado, positiva, objetiva e respeitosa às fontes documentais escritas e consideradas válidas. A Escola dos *Annales* constitui uma verdadeira revolução, uma proposta teórica-conceitual e metodológica distinta daquela preconizada pelo positivismo do século XIX.

A “Nova História”, no que tange ao método científico de se fazer História, trouxe com ela uma concepção, aqui, fundamental: a possibilidade de ampliação do “arquivo do historiador” - referente ao uso e à disponibilidade de uma pluralidade de fontes, enquanto documento histórico. Fica posto, assim, que a ideia de “fontes históricas” se ampliou, e que o acesso às mesmas está, a partir de então, franqueado. O historiador está liberto e “tem como tarefa vencer o esquecimento, preencher os silêncios, recuperar as palavras, a expressão vencida pelo tempo” (REIS, 2010, p. 97).

O uso da pluralidade de fontes, para a análise histórico-espacial, é uma marca indelével das pesquisas em História Ambiental. Estando compromissada com a inserção da natureza no discurso da História, a História Ambiental, talvez, seja um dos campos do saber, que mais se beneficiou desta contribuição da Escola dos *Annales.*DRUMMOND (1991) observa a variedade de fontes, as quais a História Ambiental está debruçada, atualmente; desde as fontes ditas “clássicas”, decorrentes da história social e econômica, baseadas em documentos escritos, àquelas mais originais, como: relatos de viagens, iconografias, etnografias antropológicas e fontes primárias, extraídas de trabalhos de campo.

Em alguns trabalhos em História Ambiental, as experiências de campo, para a obtenção de dados, relativos ao funcionamento dos ecossistemas naturais, frente às investidas sociais, são relevantes. Muitos dados, inclusive, são obtidos em laboratórios (local comum de experiência das ciências naturais), evidenciando, inclusive, a característica complexa e interdisciplinar deste novo campo do saber. E mais, a História ambiental fez da paisagem uma fonte de informação - um documento histórico (WORSTER, 1991).Aliás, tomar a paisagem como documento, no interior da História, é uma iniciativa, que deve ser mais fortemente atribuída a Fernand Braudel em suas obras sobre o Mediterrâneo, as quais serão, posteriormente, discutidas.

A Escola dos *Annales* é, também, construtora da prática da interdisciplinaridade no interior da “Nova História”. Entendendo o “Homem Social” como objeto comum às Ciências Sociais e à História, a Escola de *Annales* reconhece a necessidade do espírito colaborativo entre as diferentes áreas do conhecimento para dar conta da complexidade de tal objeto. Lançando mão, inicialmente, da Geografia, da Sociologia e da Economia para explicar o objeto comum às Ciências Sociais, a Escola dos Annales abriu um sem-número de possibilidades na abordagem historiográfica: a história social, a história demográfica, a Geohistória e outras. A concepção do ser humano em sua complexidade e múltiplas dimensões - política, social, psicológica, econômica - possibilitou à “Nova História” travar uma luta contra as especializações; aproveitando-se do arsenal de conhecimento e de descobertas acumuladas ao longo do tempo, pelos diferentes campos do saber (BURKE, 1990).

Em Febre ou em Bloch, a história-problema, sob o enfoque interdisciplinar, estava presente; ainda que o primeiro tenha se aproximado da Sociologia de Émile Durkheim e Febre da Geografia Histórica pela influência das obras de Vidal de La Blache. Marc Bloch tem sua obra voltada para o discurso da totalidade da vida humana. Para tanto, reconhece a necessidade de usufruir dos diversos tipos de fontes e testemunhos, num trabalho minucioso, cauteloso e amplo, onde a razão e a sensibilidade estejam a serviço da reconstrução do passado histórico (POBLET, 2011).

Ainda que muitos trabalhos, adotando as estratégias metodológicas da Geohistória, excluam, de forma pouco compreensível, a natureza do espaço, esta ciência oportuniza evidenciá-la (a natureza); colocando-a disponível para todos os campos do saber, que pretendam, com ela, estabelecer relações. É o caso da História Ambiental, onde a natureza se constitui como peça principal do jogo.

A Escola dos *Annales* foi, antes de tudo, o lugar da convicção da necessidade urgente de tirar a História de certo isolacionismo, em relação às ciências sociais, buscando a recuperação de uma unidade perdida pela ciência moderna. A construção da História Ambiental não seria possível sem o discurso aberto da interdisciplinaridade. É na História Ambiental, talvez, que os desejos de Bloch - de uma história totalizante da vida humana - tenha tido sua maior expressão. Para além de reconhecer a necessidade de trânsito entre as ciências sociais, para construir seu objeto, a História Ambiental trafega pelas ciências naturais, dando grande fluidez às fronteiras do conhecimento, promovendo o diálogo franco entre os diferentes campos do conhecimento. Aqui, vale destacar a observação sobre a História Ambiental, feita pelo historiador David Worster (1990, apud DRUMMOND, 1991, p. 180). Segundo ele, para se fazer história ambiental há que “ajustar os ponteiros dos relógios dos dois tempos, o geológico (natural) e o social”, colocando a sociedade na natureza.

A Geografia Histórica (Geohistória), por exemplo, aparece para Febvre como um campo significativo do exercício da interdisciplinaridade na “Nova História”. A afeição de Febre pelos trabalhos de Vidal de La Blache colocou o espaço em diálogo com o tempo (estratégias metodológicas que serão caras, a *posteriori,* nos trabalhos de Braudel); enfatizando o ser humano em articulação com o meio em que vive. Neste contexto, o ser humano é desafiado pelas contingências do meio, sem, no entanto, a ele se render. É o “possibilismo” de La Blache, desafiando o “determinismo” ratzeliano na concepção de uma nova história, segundo Febre.

A Geohistória, discutida ainda no prelúdio da Escola dos *Annales*(ainda que esta seja mais uma divisão disciplinar da realidade total), vem constituir-se como um campo do conhecimento, que possibilitará as discussões espaço-tempo; principalmente, nas obras de Braudel. Para a História Ambiental (como será mais bem discutida adiante), a Geohistória é uma importante estratégia de diálogo tempo-espaço. Ao ter o espaço como uma dimensão tão importante quanto o tempo, a Geohistória coloca-se à disposição da História Ambiental, os elementos que o compõem; incluindo, aqui, a natureza.

Antes mesmo de Braudel, vale ressaltar, Bloch exprime a preocupação com a longa duração, colocando em condição de reflexão e crítica, os eventos de curta duração (que caracteriza o acontecimentalismo). Bloch pensa sob bases estruturais; portanto, com uma visão mais integradora das variáveis que compõem a vida social, o espírito de uma época.

Em Febre a Geohistória está presente, possibilitando, através do diálogo tempo-espaço; assim como Bloch, compreender a vida social em sua complexidade. Para tanto,...ele trabalha concomitantemente com categorias geográficas e históricas. As categorias geográficas estão relacionadas ao espaço geográficos em si e à espacialidade das coisas: à sua materialidade, à qual se ligam diretamente os aspectos econômicos; à utilização dos recursos naturais para a produção da vida material; à conformação do espaço geográfico para o assentamento das culturas agrícolas e das cidades; às questões relacionadas à integração das regiões... (POBLET, 2011, p. 80).

A História Ambiental tem, nos primeiros ensaios acadêmicos da Escola dos *Annales* e, especialmente em Bloch, um precursor de suas bases epistemológicas. Pensar a história, a partir da longa duração do tempo, fortalece, como será visto adiante, a incursão da natureza em situação de parceria com a aventura social humana. A questão ambiental, latente nas primeiras obras da Escola dos *Annales* veio, em 1974, tornar-se “pública” na academia. Neste ano, a revista *Annales,* tendo como diretor Emmanuel Le Roy Ladurie, publica um número especial sobre História e Ambiente(PÁDUA, 2010).A década de 70 é o auge do movimento ambientalista, e as questões ambientais parecem estar amadurecendo na sociedade; assim como na academia e na História.

**2.1.2 História Ambiental: A Contribuição de Fernand Braudel**

A era de Braudel, na Escola dos *Annales*, foi exemplar no tocante ao uso do recurso da interdisciplinaridade. Ao criticar o que denominou de “história acontecimental”, de curta duração, Braudel esteve preocupado em inserir diferentes campos do conhecimento para a explicação dos fenômenos histórico de forma mais complexa e estrutural. Apesar de não negligenciar os fenômenos de curta duração, Braudel sabe que os mesmos fazem parte de uma estrutura maior de médio e longo prazos.

As três velocidades do tempo, trabalhadas por Braudel - curta, média e longa - estão em camada, e cada uma representa fenômenos de duração diferenciados. Na curta duração estão os fenômenos acontencimentalistas e explosivos; na média duração, estão aqueles com mudanças mais lentas, sociais e culturais - de caráter conjuntural; na longa duração, estão os fenômenos de caráter estrutural - são aqueles cuja geografia(o meio) se coloca como ator relevante e em diálogo com as iniciativas humanas (TEIXEIRA e CALDAS, 2011).

Embora Braudel não despreze os eventos de curta e média duração, é com o uso metodológico desta última camada do tempo - da longa duração - que as discussões mais criativas e interdisciplinares se dão em suas obras. Aqui, o autor se utiliza de um campo do conhecimento: a “Geografia-Histórica” ou “Geohistória” - que, segundo Braudel, está predisposta a ressaltar a relação tempo-espaço em todas as suasdurações e complexidade.

Para Braudel a geografia dos lugares é quase sinônima de fenômenos naturais,como: montanhas, rios, solos, planícies, mares etc; não obstante, certamente, é pela primeira vez que as questões relativas ao meio natural ganham destaque, participando do arcabouço teórico-conceitual-metodológico na História. Em sua obra, sobre “O Mediterrâneo”, Braudel, dispensa boa parte de suas discussões à camada do tempo de longa duração, “para a qual devota quase trezentas páginas, descrevendo montanhas, planícies, litorais e ilhas, climas, rotas terrestres e marítimas” (BURKE, 1990, p. 54).

É no tempo, pensado em longa duração, que a natureza, talvez, explicitamente e assumidamente, pode fazer-se manifesta e atuante na História. Talvez, poder-se-ia dizer, sem exagero, que Braudel descobriu a natureza na História e fez História Ambiental?Para Braudel, as características geográficas dos lugares (leiam-se, aqui, aspectos do meio natural) são partícipes da história humana, e nenhuma história pode ser entendida sem levar em conta tais características.

Ao discutir a natureza, como componente da história social, Braudel é acusado de uma abordagem determinista, onde o meio natural seria capaz de interferir nas ações humanas ou, pelo menos, dificultá-las. Embora Braudel tenha bebido na fonte possibilista das idéias de Paul Vidal de La Blache e atacado o determinismo de Friedrich Ratzel, em “O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo à época de Felipe II”, sua tese de doutoramento, defendida em 1947, muitas críticas foram feitas ao determinismo braudeliano. Falou-se da inoperância do ser humano, em relação aos ditames do meio natural; da impossibilidade ou desprezo do meio natural em relação às ações humanas; da impossibilidade do ser humano influir junto ao meio natural; e outras observações, que caracterizam o determinismo braudeliano em contraposição, inclusive, ao voluntarismo defendido por Febvre sob bases la blachianas(BURKE, 1990).

Talvez, uma das questões mais singulares da História Ambiental está na possibilidade de revisar o determinismo geográfico na história da humanidade. Quanto a esta questão,tanto a História Ambiental, quanto a obra de Braudel sobre o Mediterrâneo, no discurso da longa duração do tempo, foram corajosos e destemidos às críticas feitas pela academia. A questão ambiental, que emerge na década de 70 - frente aos problemas decorrentes do uso irracional dos recursos naturais no planeta - aponta para a necessidade de encarar a existência da natureza como um ator que dialoga com a vida social, que exige respeito aos seus limites e reage às ações sociais insustentáveis.

É sabido que os ecossistemas naturais têm limites de saturaçãono diálogo com as intencionalidades humanas; ou melhor dizendo: todo ecossistema natural tem uma capacidade de suporte, frente aos investimentos humanos. Rompê-la, pelo exercício pouco consciente do possibilismo (vontade e possibilidade humana em alterar a natureza), sabe-se, não é prudente. Hoje, sabe-se, que as conseqüências do possibilismo irrefletido (ou do determinismo não considerado) são nefastas, seja para a continuidade da diversidade de vida no planeta, seja para a manutenção dos modelos econômicos.

A obra de Braudel sobre o Mediterrâneo é um espelho exemplar para historiadores ambientais e ativistasda questão ambiental. Ela contribuiu para recolocar a questão do determinismo em pauta e em reflexão. A obra de Braudel e as avançadas discussões relativas à questão ambiental, seja no campo do ativismo ou no campo da academia, possibilitam cunhar a expressão “determinismo geográfico relativizado”.

No “determinismo geográfico relativizado”, é sabido que as sociedades humanas, com alto grau de tecnologia, podem interferir na maioria dos ecossistemas naturais. As vontades e intencionalidades humanas, em relação ao meio natural são, na atualidade, facilmente atendidas; contudo, as questões que se colocam são simples: Devemos intervir em todos os ecossistemas naturais? Qual o limite de intervenção social para a manutenção da integridade dos ambientes naturais? Estas são algumas questões, que reconhecem o possibilismo, mas que o limitam em nome do entendimento de que a natureza temreservas frente às intervenções humanas.

A História Ambiental mostra um sem-número de exemplos na relação sociedade e natureza, onde a última é vítima da desconsideração das questões acima expostas. Hoje é sabido, que nem sempre a natureza é vítima passiva das intervenções sociais; por vezes, ela responde agressivamente, quando a sua capacidade de suporte é extrapolada para além da sua condição de regeneração relativa. Aqui, existem inúmeros exemplos capazes de ilustrar a afirmativa, como aquele acontecido na cidade de Mariana/MG, recentemente.

A obra de Braudel sobre o Mediterrâneo teve o grande êxito de colaborar para as discussões ambientais, reacendendo, principalmente, as discussões em torno das determinações do meio natural.Braudel lembra, inclusive, na primeira parte das publicações sobre a história do Mediterrâneo, que existem ações naturais incontroláveis pelas intervenções humanas. Com subtítulos como: “Uma geologia ainda em ebulição” ou “À mercê de uma avaria”, Braudel lembra a limitação das sociedades humanas no controle do meio natural, contribuindo, agora, para a compreensão do relativismo em torno do possibilismo(BRAUDEL, 1985 e 1998).

Os autores do prefácio do livro de BRAUDEL (1998, p. 7), intitulado “Memórias do Mediterrâneo - pré-história e antiguidade” abrem as discussões do trabalho, identificando o autor como “um mestre das permanências e dos determinismos”. Esta observação necessitaria de mais cuidado enquanto qualitativa das obras de Braudel, em relação ao Mediterrâneo. Enquanto mestre das permanências é justa a observação; visto que o autor esteve empenhado em trabalhar, privilegiadamente, sobre a longa duração; entretanto, qualificá-lo como determinista, acredita-se, que tal qualificação merece mais atenção.

Braudel não está negligenciando a vontade e possibilidade de modificação do meio natural pelas sociedades humanas; ele recoloca o determinismo sobre outro patamar, mostrando que existem modos de vida, que têm estreita relação com o meio; mostrando que existem situações impossíveis de controle da natureza, por parte de tais sociedades.

Nos capítulos iniciais de sua obra sobre o Mediterrâneo, Braudel reconhece determinadas forças da natureza como impávidas. Ele fala sobre “uma geologia ainda em ebulição... cuja obra ainda não foi apagada pelo tempo, e que continua a causar estragos diante de nossos olhos” (BRAUDEL, 1985, p. 8). Aqui jaz uma verdade: há situações onde a natureza exerce sua força de determinação inquestionável.

Braudel reconhece, assim, o potencial humano e da natureza na construção dos espaços geográficos ao longo do tempo. Seria prudente, portanto, falar em um “determinismo revisitado e relativizado” nas obras do autor. Seu determinismo, definitivamente, não está no mesmo patamar daquele destacado por F. Ratzel.

Com a clareza de que a natureza dos espaços não está à parte da aventura humana, Braudel discorre poeticamente e epicamente sobre as ações do meio natural junto às atividades humanas no vasto espaço-movimento do Mediterrâneo. Está preocupado, em muitas passagens de suas obras sobre o Mediterrâneo, em destacar a imponência do meio natural para as sociedades que dele dependem diretamente.

Aspectos relativos à transumância e ao nomadismo em áreas montanhosas, por exemplo, são observados em suas obras como uma determinação do meio natural sobre as sociedades humanas. Contudo, a leitura de suas obras sobre o Mediterrâneo, deixa claro o esvanecer do determinismo e a emergência do possibilismo humano (BRAUDEL, 1985).

Mas Braudel não deixa se enganar pelas possibilidades modificadoras das sociedades humanas junto ao meio natural; ele mostra a relatividade do tempo nos diferentes espaços. Sociedades que vivem num ritmo de vida lento e outras em ritmos velozes, porém, ambas, em simultaneamente; construindo lugares diversos. Talvez, aqui resida uma das melhores contribuições de Braudel: apontar as diversidades geohistóricas de uma porção do planeta, por ele eleita (o Mediterrâneo), como lugar de suas experiências metodológicas, com o uso do tempo e do espaço.

Independente das críticas feitas ao determinismo de Braudel, há uma outra discussão, em suas obras relativas ao Mediterrâneo, de valor sem-igual: a articulação espaço-tempo. É o espaço que aparece não apenas como cenário. O espaço do Mediterrâneo participa da história (constitui um personagem em si mesmo), na interação com os fenômenos socioeconômicos e culturais. Era a “História Total”, buscada no exercício da interdisciplinaridade, anteriormente evidenciada por Febvre. Braudel, no caminho da *vernunft*, faz de seus trabalhos sobre o Mediterrâneo uma composição estética entre tempo e espaço, capaz de captar a realidade em sua complexidade e riqueza, articulando as temporalidades curta, média e longa duração, identificando as permanências e as rupturas. Para DOSSE (2003, 43) “captar em um mesmo movimento a totalidade do fenômeno social é a grande ambição da história braudeliana”.

Dosse - apesar de reconhecer o esforço de Braudel, na busca de uma metodologia global, para o fazer histórico - observa a fragilidade do conceito de globalidade. Para DOSSE (2003, p. 43), o referido conceito peca pela ausência analítica dos fenômenos, não ultrapassando a mera descrição e a “simples soma dos diversos níveis de realidade, sem contudo ser um instrumento conceitual”.

Discussões a parte, em relação ao projeto ambicioso de Braudel e, segundo alguns críticos, pouco explicativo, é fato concreto seu esforço articulador dos diferentes campos do conhecimento sob a ordenação do tempo-espaço. Ao desenvolver a Geohistória do Mediterrâneo, Braudel foi capaz de entender as interações indissociáveis entre espaço e tempo. Interações essas que, segundo Braudel, foram abandonadas pelos historiadores tradicionais, num processo de desespacialização dos fenômenos históricos. Cintudo, a herança da espacialização da História, deixada com êxito por Braudel, cabe ressaltar, não se estendeu aos historiadores contemporâneos, que fazem do espaço uma dimensão pouco (ou nada) prestigiada em seus estudos - o espaço, embora seja um a dimensão onipresente, é estranhamente negligenciada na grande maioria dos estudos históricos atuais.

O grande valor da obra de Braudel está, então, na revelação do espaço enquanto eminência pardana historiografia tradicional. Em seus estudos, ele emerge com esta dimensão, em uma condição paritária de diálogo com a dimensão tempo. Nas obras, onde o Mediterrâneo é o espaço privilegiado, Braudel executou a *vernunft*, libertando o pensamento das cercas das ciências, que aprisionam os historiadores; evidenciando sua erudição intelectual e conhecimento articulado, necessário à compreensão dos fenômenos. Poucos historiadores seguiram, entretanto, o legado de Braudel.Nas palavras de BURKE (1990, p. 61), “poucos historiadores desejariam imitar O Mediterrâneo, ainda menos seriam capazes de fazê-lo”.

Para Braudel, o espaço geográfico tem valor e importância para todas as ciências sociais. Quanto à questão, ele observa: “é preciso que todas as ciências sociais, cada qual por sua vez, abram espaço para uma concepção (cada vez mais) geográfica da humanidade” (BRAUDEL, 2011, p. 121). Este apelo de Braudel, pede aos cientistas o esforço da procura do espaço em seus campos do saber, contribuindo para desfazer a miopia em relação a uma dimensão, que assim como o tempo, é constituinte de qualquer campo do conhecimento. Braudel é reivindicador da ruptura dos limites artificiais das ciências, contribuindo para a recuperação da dimensão espaço-tempo em sua unidade. Na busca da unidade valoriza a Geohistória - um esforço mais amadurecido da interdisciplinaridade.

Os trabalhos de Braudel - incentivadores da interdisciplinaridade - mostram que o historiador ambiental tem um desafio à frente: romper as fronteiras da ciência. Este exercício é, sobremaneira, os historiadores ambientais, dispendioso. Ele exige um tráfego entre as ciências naturais e sociais; enfim, um espectro especulativo amplo, que em vias de regras, exige do historiador ambiental muito conhecimento e estudo por campos nunca antes percorridos. Aliás, é de se reforçar, a interdisciplinaridade, exigida pela História Ambiental, é desafio e riqueza pouco comparáveis a qualquer outro campo do conhecimento. O historiador ambiental transita, inevitavelmente, por uma linha de charneira ou zona de contato entre ciências, pouco confortável e muito complexa.

Seria repetitivo discutir, aqui, a importância do entendimento do espaço, para os estudos em História Ambiental. Tal discussão já foi realizada no item anterior. Não obstante, existe um reconhecimento de que a magnífica obra de Braudel sobre o Mediterrâneo sedimentou, no interior da Escola dos *Annales*, a importância do espaço e da Geohistória, para todas as áreas do conhecimento.

A Geohistória, para além de se apresentar como um campo do conhecimento,constitui um método de análise, envolvendo espaço-tempo. Algumas ciências trabalham, há muito tempo, com a dialética dessas duas dimensões. É o caso da Geografia que, em sua historiografia, raramente se absteve de evocar o tempo como uma dimensão dialogal com o espaço. Em sua revisão epistemológica, pelos idos dos anos 80, diante das célebres obras do geógrafo Milton Santos, a Geografiareforça o tempo como um ente indissociável do espaço.

Para a Geografia, o tempo é conteúdo material para compreender o espaço. Ao passar, o tempo deixa marcas sobre o ele, tornando-o inteligível. Da mesma forma, o espaço marcado é inspirador na compreensão do tempo que passou. Este trânsito espaço-tempo (ou a compreensão deste como entidade única) é a grande contribuição de Braudel para as ciências, em especial, aqui, para a História Ambiental(SEABRA, 2010).

No interior da História, não seria exagero afirmara importância da História Ambiental na articulação tempo-espaço. Talvez, ela seja o projeto mais bem sucedido da História Total de Braudel. No interior da História, a História Ambiental foi capaz de chamar a atenção para o espaço. A natureza - tão cara a este novo campo do saber - talvez seja o ente mais evidente e concreto, a mostrar-se espacialmente.

O espaçoé a dimensão privilegiada e original nos trabalhos de Braudel. O Mediterrâneo como “espaço-movimento”, incorpora as rotas marítimas e terrestres, colocando o recorte regional como o problema a ser analisado. O Mediterrâneo - espaço-problema - de Braudel é, assim, amplo e vasto. “Um Mediterrâneo maior cerca e envolve, portanto, o Mediterrâneo *stricto sensu*, servindo-lhe de caixa de ressonância” (BRAUDEL, 1985, p. 51).

Assim, tendo a região mediterrânea como espaço-movimento/espaço-problema, Braudel faz uma construção metodológica, à época, inovadora. Em sua construção discursiva, há preocupação em colocar o espaço dialogicamente com as ações sociais. A História (ou a Geohistória) de Braudel se constrói na interação com o meio. Para ele, a natureza é um ator, que ora determina; ora possibilita o acontecer das vontades humanas.

Embora tenha a região Mediterrânea - que inclui os fluxos e os fixos no mar e na terra- como recorte regional, Braudel faz um competente exercício de compreensão da diversidade na unidade. Ele entende os diversos lugares, que abrigam as sociedades mediterrâneas, como particularidades na relação sociedade e natureza, embora os compreenda como parte de processos socioespaciais e naturais mais amplos. Assim, o Mediterrâneo é uma unidade dada pelos processos históricos e geográficos interligados, que tomam formas próprias, compondo os diferentes lugares. Os lugares do mediterrâneo não podem ser compreendidos fora de um processo mais globalizante, que afeta, embora de forma diferenciada, toda a região mediterrânea(POBLET, 2011).

No contexto acima, a camadas do tempo de curta, média e longa duração precipitam sobre as espacialidades dos lugares, num arranjo espacial particular, fruto da articulação entre natureza e sociedade. O global e o local estão, assim, no trabalho de Braudel, em conversação. Este último sofre as influências do primeiro, mas não constitui imagem refletida deste, no sentido em que todo lugar é único.

Esta questão da relação tempo e espaço é um dos motes de discussão da obra de Milton Santos. O espaço geográfico, para ele, é a materialização da passagem do tempo. O tempo deixa marcas, cicatrizes, rugosidades no espaço, possibilitando, assim, encontrá-lo (tempo), ainda, no tempo presente(SANTOS, 1978).

O discurso de Braudel, acerca do tempo, e de Milton Santos, acerca do espaço, possibilita ratificar a existência de uma única dimensão tempo-espaço. Como seria possível o tempo expressar-se sem as espacialidades? Sem as espacialidades, o tempo é mera abstração. Da mesma forma, como explicar as marcas espaciais, as cicatrizes, deixadas no espaço, sem a compreensão da varredura, da passagem do tempo sobre ele? As ações sociais em curta, média ou longa duração são, portanto, concretas, e não existem sem o suporte dialógico das espacialidades.

Quanto ao debate, acerca das dimensões espaço e tempo em Braudel, observa ABREU (2010, p. 18):

É verdade que poucos foram os estudos que conseguiram verdadeiramente integrar tempo e espaço, ou melhor, período e lugar/região. A monumental obra de Braudel sobre o Mediterrâneo, assim como certas obras clássicas de geografia regional são, assim, exceções e não a regra...o que é digno de nota é que a busca pela integração, independente de seu grau de sucesso, fazia parte do método de ambas as disciplinas **[referência à Geografia e à História]. Isto foi o que se perdeu.**

É no contexto da discussão acima, que a Geohistória se fortalece, enquanto ciência da explicação dos lugares - espacialidades únicas, produtos da interação sociedade e natureza em escalas diversas. Nas palavras de ABREU (2010, p. 16), os lugares são:

como produtos da interseção de processos socioeconômicos-culturais que têm origens e manifestações diversas, que atuam em escalas diferentes e que, por isso mesmo, estão sempre criando, recriando e dando novos significados a lugares e regiões.

As regiões e os lugares são categorias da ciência geográfica. A História Ambiental, segundo DRUMMOND (1991), tem como uma de suas características, o foco na região. Em geral, este foco está em torno de certa homogeneidade interna natural. Florestas, áreas úmidas ou áridas, ilhas e vales de rios são, tradicionalmente, alguns dos recortes regionais da História Ambiental. E aqui, é de se ressaltar, mais uma vez, a colaboração pioneira de Braudel para a História Ambiental. Braudel, em seus trabalhos sobre o Mediterrâneo, na discussão da longa duração do tempo, tem o clima como um elemento unificador e caracterizador dos lugares. É ele que dá unidade física aos lugares, descritos por Braudel. Segundo DUTRA (2003, p. 59), em observação à obra de Braudel, sobre o Mediterrâneo, o clima é “o responsável pela homogeneidade da vida mediterrânea...do clima depende o movimento dos portos, as colheitas, os deslocamentos, as rotas comerciais, e até a guerra e a paz”.

A intenção deste item do trabalho foi a de evidenciar a importância de Braudel para a História Ambiental. Por tudo o que foi discutido, e pelo muito, que ainda merece ser refletido, sobre sua obra, acerca do Mediterrâneo, poder-se-ia fazer uma questão de fundo, já levantada em parágrafos anteriores: teria Braudel feito e exercitado, mesmo que embrionariamante, uma história ambiental do Mediterrâneo?

**2.2 História Ambiental: Nascimento de um Novo Campo do Saber**

Este item aborda, em primeiro plano, o nascimento da História Ambiental enquanto campo do conhecimento, no mundo e no Brasil. Para tanto, destacou as principais obras e autores, que realizaram as primeiras incursões reflexivas acerca da temática. Abordou, também, discussões referentes às fontes, temas e metodologias adotadas por este novo campo do conhecimento.

**2.2.1 História Ambiental: Primeiras Incursões Reflexivas**

Na década de 70, o movimento ambientalista toma corpo, erguendo questões, anunciadas na década anterior, encontradas em célebres trabalhos-denúncia de pesquisadores em todo o mundo. As clássicas obras de Raquel Carson (Primavera Silenciosa), do Clube de Roma (Os Limites do Crescimento), de E. F. Schumacher (O Negócio é ser Pequeno) e do movimento de contracultura, erigido, em especial, nos EUA, são contribuições valiosas, construídas na década de 60-70, para o amadurecimento e eclosão do movimento ambientalista nos EUA e na Europa.

Estes trabalhos tratavam de anunciar, no presente, e para o futuro, a importância da natureza como ator integrante da vida social humana. A questão era simples de ser entendida: a natureza não era uma vítima alheia e submissa às intervenções humanas. Ela respondia, inclusive, muitas vezes,em desalinho aos interesses sociais. Por conta própria, enquanto um ente ativo e autônomo impunha mudanças ao meio e às sociedades humanas, exigindo destas,reflexões revisionistas na forma de como deveriam se relacionar com a natureza para produção de suas vidas materiais e espirituais. Assim, sendo palco e subsídios às realizações humanas, mas com elas interagindo como ator também principal, a natureza conquista, na década de 70, alguns porta-vozes de suas exigências e limites.

O agravamento da questão ambiental, configurando uma crise civilizacional e globalizada, foi capaz de movimentar, além da sociedade civil organizada, o meio acadêmico. A academia, para além das questões éticas e políticas, inerentes à questão ambiental, colocou para si mesma um grande empreendimento intelectual a ser construído: compreender a relação sociedade humana e natureza, ao longo do tempo histórico. Tratava-se, pois, de compreender, historicamente, como as sociedades humanas e a natureza se afetavam e se influenciavam mutuamente (WORSTER, 1991).

A construção da História Ambiental nasce, assim, com um desafio exigente e pouco simples. A questão era complexa: o objetivo a ser satisfeito por este novo campo do saber, não estava, apenas, no interior das ciências sociais ou das ciências da natureza; ele exigia o diálogo, rompendo o discurso tradicional e isolado entre ambas.

A História Ambiental trouxe, então, em seu bojo, e desde o seu nascimento, algumas questões relevantes: ela deveria ser a contribuição da academia (em especial da História) para o entendimento da crise ambiental anunciada; ela deveria contribuir, também, para a compreensão de que não é possível pensar as sociedades humanas apartadas da interação com o substrato natural, rompendo com o enfoque “flutuante” e independente das ciências sociais dos fatores de ordem física; deveria, ainda, integrar, em seu discurso explicativo, as ciências naturais.

As ciências naturais passam a ser, assim, uma componente essencial no discurso do historiador ambiental. A incursão das ciências sociais pelos campos das ciências naturais, definitivamente, não era protocolar. A História Ambiental vai esbarrar nas searas, até então sólidas, das ciências sociais, iniciando um processo lento e gradual de incorporação das variáveis naturais aos discursos explicativos da vida social humanaÉ, então, na linha de charneira e da interdisciplinaridade - entre as ciências naturais e sociais - que aHistória Ambiental se constitui, incorporando variáveis naturais à dinâmica social e cultural humana.

Nasce, então, um novo campo do saber que, segundo DRUMMOND (1991), tem como desafio ajustar os ponteiros dos relógios do tempo social e do tempo geológico (natural). Evoca, assim, a necessidade das ciências sociais em incorporarem o tempo da natureza em suas investigações. Romper com o “paradigma da imunidade humana” aos fatores da natureza (expressão cunhada por W Catton e R. Dunlap – historiadores norte-americanos - na década de 80), é defendido por Drummond, que alerta para o afastamento e o desinteresse, por parte das ciências sociais, quanto a assumir uma medição do tempo diferente daquela adotada na escala da razão humana e ocidental.

Não se trata, aqui, de reanimar originalmente a visão determinista, que submete às ações humanas aos desejos de uma natureza indomesticável e caprichosa. As idéias contidas na concepção determinista ressurgem calibradas pelas relativizações que aceitam a natureza como partícipe dos empreendimentos humanos. As mesmas obrigam entender a natureza como organismo vivo, interativo e com capacidade de suportar as investidas humanas com limitações(SEABRA, 2010).

Ao entrar em cena, os ecossistemas naturais colocam em discussão as ilimitadas possibilidades humanas na manipulação dos recursos naturais e nas transformações espaciais. Obrigam a uma revisão no campo da ética, da metodologia de abordagem e do uso das técnicas / tecnologias em relação aos ecossistemas naturais, seja no âmbito das ciências e/ou na esfera política(DUARTE, 2005).

As primeiras reflexões formalizadas em História Ambiental vêm da associação profissional *American Society for Environmental History (ASEH),* criada emna década de 70, através do periódico *Environmental History Review,* de 1976, fundado por John Opie. Contudo, é com a obra premiada de Roderick Nash *Wilderness and the American Mind,* publicada em 1967, que a História Ambiental é inaugurada. É responsável, também, pelo primeiro curso de História Ambiental, nos EUA, em 1972, na Universidade da Califórnia (PÁDUA, 2010). Para WORSTER (1991), é através do artigo de Nash, intitulado *The state of environmental history,* que este novo campo ganha, primeiramente, uma tentativa de definição.

Mas a escola americana de História Ambiental não esteve sozinha na empreitada de entendimento e de divulgação deste, então, novo campo do saber. Foi acompanhada dos estudos da escola francesa, herdeira da Escola dos *Annales.* Em 1974, a Revista dos *Annales* produziu uma edição, destinada às questões referentes à História Ambiental e prefaciada por Le Roy Ladurie, discípulo de Braudel. Tratava-se de um documento que apresentava certa culminância dos trabalhos precursores da História Ambiental, no nível da historiografia contemporânea, já desenvolvidos pelos fundadores e demais gerações da Escola dos *Annales*. O destaque deve ser feito, aqui, para a história total, de longa duração na obra de F. Braudel, discutida com mais detalhes no próximo item deste trabalho.

Assim, a História Ambiental veio se formando como escola, num projeto reformista no interior das ciências sociais, encabeçado por estudiosos americanos, ingleses e franceses, em sua maioria. Muitos deles, com penetração, há décadas, no Brasil, destacando dentre os clássicos: Donald Worster, Richard Cronon, Alfred Crosby, Stephen J. Pyne, Roderick Nash, Frederick Turner, Richard White,Jean Dorst, Roderick Nash e Warren Dean.

Não seria exagero afirmar, que alguns dos autores acima destacados tiveram, entretanto, maior possibilidade, no Brasil, de divulgação de suas idéias, virtude de terem sido as mesmas traduzidas para a língua portuguesa. Alfredo CROSBY (...), num trabalho original e polêmico, do ano de 1986, traduzido para o português, em 1993, com o título “Imperialismo Ecológico: a expansão biológica da Europa: 900-1900” - está dentre os autores mais lidos. Soma-se a ele, a obra de TURNER (1983), com o título “O Espírito Ocidental Contra a Natureza: mito, história e as terras selvagens”, chegando à língua portuguesa em 1990. Dentre as obras de DEAN (1996), de especial importância para a história ambiental brasileira, destaca-se “A Ferro e a Fogo - a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira”, produzida em 1995 e traduzida para o português em 1996.

Embora circunscrito no campo da “História das Civilizações”, Arnold Toynbee não pode ser esquecido como um precursor das discussões interativas entre natureza e sociedade humana. É um autor basilar para muitos estudiosos em História Ambiental. No clássico livro “A Humanidade e a mãe Terra - uma história narrativa do mundo”, produzido em 1976, e traduzido para o português, em 1987, Toynbee trafega por civilizações milenares, tendo a natureza como interlocutora. Rios, florestas e solos são alguns dos entes que dialoga com as intencionalidades humanas, na construção das diferentes civilizações.

A História Ambiental veio, ao longo das décadas, se expandido; seja em relação às fontes utilizadas, seja em relação ao temário. Em função das características particulares da História Ambiental, cujas metodologias de análise não podem prescindir dos aspectos da vida social e natural, muitas e diversas fontes vieram sendo utilizadas. Muitas fontes vieram como herança da historiografia preconizada pela Escola de Annales. Para além das fontes documentais escritas, a História Ambiental vem se valendo dos registros iconográficos e filmísticos; da história oral e de vida, dos registros necessários ao desenvolvimento da micro-história e da história dos lugares, por exemplo.

Em relação aos temas abordados, a História Ambiental, também, não se apresenta tímida. Há uma infinidade de temas sendo abordados, embora alguns deles venham sendo trabalhados com restrições. O historiador MCNEILL (2005) reconhece a necessidade de maior atenção a determinados temas, que segundo ele, vêm sendo negligenciados pelos historiadores ambientais. Questões referentes ao solo e seus processos erosivos; aos impactos, causados pela mineração; aos efeitos das migrações humanas em ambientes diversos e aos ambientes aquáticos são apontados pelo estudioso como carentes de intervenções investigativas por parte dos historiadores ambientais.

Do ponto de vista metodológico, cabe ressaltar, que a História Ambiental vem ultrapassando a tradicional abordagemhistoriográfica do Estado-Nação como unidade analítica dos fenômenos históricos.Aqui residemduas questões de fundo,deste novo campo do saber, que devem ser enfrentado pelo historiador ambiental: a naturezae a escala da unidade de análise.

A problemática contrária à utilização do Estado-nação, como recorte analítico, está na característica da abordagem tradicional de caráter político e social; onde a natureza é coadjuvante ou mero palco das realizações humanas. Além desta questão, soma-se ao fato de que os processos ecológicos não respeitam as fronteiras políticas, sociais ou culturais (MCNEILL, 2005), colocando o historiador ambiental na difícil tarefa de realizar o recorte escalar mais apropriado.

Quanto à questão, DRUMMOND (1991) observa que grande parte dos trabalhos em história ambiental toma as regiões naturais como unidade analítica: uma bacia hidrográfica, um rio, um ecossistema natural.Vê-se, então, que a escolha da escala obedece, com freqüência,aextensão da unidade de análise (extensão dos ecossistemas naturais), podendo a História Ambiental ser contada em intervalos escalares variados. A extensão das florestas naturais ou de uma bacia hidrográfica, por exemplo, pode extrapolar as fronteiras políticas e culturais, ou estar circunscrita em um espaço com homogeneidade interna, quanto aos aspectos socioculturais e políticos. Parece, então, aqui, que a escala de análise se torna secundária e subordinada à seleção das unidades de análise.

Ainda em DRUMMOND (1991) esta questão da escala e das unidades naturais de análise, se apresentam relativizadas. Ele observa que muitos trabalhos em História Ambiental, embora não majoritariamente, têm recorte político e cultural, sem, contudo, deixarem de considerar os elementos naturais e de fazer a ponte dialógica entre sociedade e natureza.

Como se observa, metodologicamente, a História Ambiental permite recortar espaços de dimensões variadas; podendo, ainda, partir de critérios ecológicos ou socioculturais e políticos. Parece mesmo, que a premissa básica, a ser atendida pela História Ambiental, é a de promover a discussão, que prime pela compreensão da interferência mútua entre as sociedades humanas e a natureza.

Para MCNEILL (2005), os historiadores ambientais devem se inspirar na mesma estratégia metodológica dos historiadores sociais, que buscaram contar a história das sociedades humanas “de baixo para cima”, valorando das camadas sociais menos privilegiadas na pirâmide social.Da mesma forma, “de baixo para cima”, os historiadores ambientais deveriam proceder, valorizando o solo, que historicamente é substrato da vida social humana.

**2.2.2 História Ambiental no Brasil**

A História Ambiental, no Brasil, ganhou adeptos há poucas décadas; embora DUARTE (2005) reconheça que a temática não seja uma completa novidade no país. A autora destaca a importância das obras de João Capistrano de Abreu, Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda como referências em História Ambiental do Brasil, em um tempo, onde este campo do saber não havia, ainda, se autodefinido ou se autonominado.

Nos autores acima, a natureza é abordada/descrita em sua dinâmica própria. Contudo, não está sozinha, como um mero cenário de fundo: ela é ativa; por ora companheira e colaboradora, por ora adversária e estranha. Em “Monções”, obra de Sérgio Buarque de Holanda, a natureza se apresenta como um desafio. Os rios são os elementos naturais privilegiados, que serão a cada passo da leitura de sua obra, domesticados pelas intenções humanas. Os rios estão para HOLANDA (2015), em Monções; assim como o Mediterrâneo está para Braudel - verdadeiros espaços-movimentos, recortes regionais, que extrapolam os limites de si mesmos.

Em Caio Prado Júnior, no livro “Formação do Brasil Contemporâneo”, as questões ambientais, derivadas do mau uso do solo, pelas atividades agroexportadoras, são pioneiramente destacadas.Nesta obra, a natureza está, constantemente, na potencial condição de vir-a-ser um recurso,ameaçada em sua integridade, na mira dos interesses do capital.

Caio Prado Júnior em “Formação do Brasil Contemporâneo”, vale ressaltar, advoga, ainda, por uma interessante visão totalizante e integradora do discurso histórico. Na exposição de sua estratégia metodológica para fazer história, o autor reconhece a necessidade de conhecer o conjunto dos acontecimentos para a compreensão dos espaços individualizados, que se pretende analisar em determinado tempo histórico. A originalidade dos espaços está, assim, submetida a processos mais longos e totalizantes. Quanto à questão, ele observa:

Quem observa o conjunto dos acontecimentos... não deixará de perceber que ele se faz de uma linha-mestra e ininterrupta de acontecimentos que se sucedem em ordem rigorosa... é isso que se deve procurar quando se analisa a história de um povo... porque todos os momentos e aspectos não são senão partes, por si só, incompletas de um todo que deve ser sempre o objetivo último do historiador... Tal indagação é tanto mais importante e essencial que é por ela que se define, tanto no tempo como no espaço, a individualidade da parcela da humanidade que interessa ao pesquisador (PRADO JUNIOR, 2008, p. 17).

Considerado, aqui, como um precursor da História Ambiental, Prado Júnior, com seu discurso de apelo à totalidade, colabora com a construção metodológica, que prima pela longa duração (uma visão estrutural dos lugares); bem como, com o diálogo inevitável entre tempo-espaço; natureza e sociedade.

DUARTE (2005) destaca, ainda, o livro “Capítulos de História Colonial”, de Capistrano de Abreu, como uma obra precursora da História Ambiental no Brasil; sendo a natureza, neste, evidenciada a trabalhada em diálogo com as iniciativas humanas.

Contudo, não é apenas entre os historiadores ou geógrafos que se pode encontrar a proto-história da História Ambiental. A arqueologia do conhecimento sobre a temática ressalta importantes obras, que trataram com esmero a relação estabelecida entre sociedade e natureza no Brasil. Luzes devem focar os esplêndidos trabalhos do engenheiro Alberto Ribeiro LAMEGO (1950, 1941, 1964 e 1945, respectivamente),cujas obras em especial: “O Homem e a Serra”; “O Homem e o Brejo”; “O Homem e a Guanabara” e “O Homem e a Restinga” avançaram no tempo (para além das críticas ao determinismo e ao caráter descritivo de suas obras), constituindo, ainda hoje, um rico material sobre a ocupação do território fluminense.Nestas obras, Lamego é integrador de diversas áreas do conhecimento, com fins a elaborar o cenário de suas discussões. A Geologia (conhecimento que lhe é caro), a Economia, a Sociologia, a Geografia, a Ecologia e a História compõem quadros-sínteses, tendo o brejo, a serra, a Guanabara e a restinga como recorte regional.

Hoje, ainda são poucos os pesquisadores, no Brasil, que se colocam no interior da seara da História Ambiental. Ela está amparada por poucos estudiosos, na grande maioria com formação em História, Geografia e Biologia. Os primeiros trabalhos assumidos estão atribuídos a Warren Dean. Em seu livro mais famoso “A Ferro e a Fogo”, DEAN (1996) busca recontar a história ambiental da Mata Atlântica brasileira, na relação com os nativos brasileiros (primeiros habitantes) e com os colonizadores portugueses (na imposição de seus projetos mercantilistas). Dean revisita os ciclos econômicos brasileiros, tendo a natureza que os sustentaram em foco.

Dean deixa, então, um legado original. Angaria seguidores, que nas décadas vindouras vão apresentar-se através de seus trabalhos, edificando, ainda que timidamente, uma escola em história ambiental no Brasil. José Augusto Pádua (professor do Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro) e José Augusto Drummond (professor da Universidade Nacional de Brasília) são as referências nacionais desta escola nova.

Com o título “Um Sopro de Destruição – pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)”, PÁDUA (2002) revisita a história do Brasil, no período em questão, recontando-a sob a ótica da natureza nacional, expondo a degradação desta, quando entendida como recurso natural, aos olhos e interesses europeus. Faz uma importante “descoberta” em sua obra: brasileiros ilustres, ligados à vida pública nacional do período histórico estudado, fizeram críticas contundentes à “política ambiental” no Brasil escravista. Ao contrário do que se pensava e se sabia, os brasileiros foram precursores no entendimento da dinâmica dos ecossistemas tropicais, e alertaram para a extinção ou degradação dos mesmos. Destaque é dado, no livro de Pádua, para figuras ilustres da ciência e da política nacional do período estudado, dentre eles Joaquim Nabuco e José Bonifácio de Andrade e Silva.

José Augusto Drummond vem contribuindo com grande valia para a difusão da história ambiental no Brasil. Realizando muitas traduções em língua inglesa, é responsável pela entrada de novos materiais no campo de estudo da história ambiental e pela formação de “novos” historiadores.

DRUMMOND (1997) em seu livro sobre a devastação e preservação ambiental no Rio de Janeiro dá uma contribuição ao entendimento do processo histórico-econômico que devastou a natureza fluminense, fazendo contraponto com a criação dos parques nacionais. Estes últimos são entendidos por Drummond como resultado de uma política compensatória ou de uma dívida social para com a natureza do Rio de Janeiro, que sem dúvida, está no topo do *ranking* das mais devastadas do Brasil.

Há uma gama de trabalhos em história ambiental que são resultados de dissertações de mestrado ou tese de doutoramento. A fisionomia mais marcante desses trabalhos é a escolha de determinados ecossistemas como palco da abordagem. Trabalhos relativos aos biomas: Mata Atlântica, Amazônia e Cerrado devem ser ressaltados.

Contudo, atualmente, no país, é de se notar, há um corpo de pesquisadores emergentes, apresentando, nos encontros científicos, trabalhos em história ambiental, com temas variados, debruçados sobre à ecologia, às ciências naturais, à socioecologia e à antropologia ambiental. Destaque deve ser dado aos pesquisadores: Diogo de Carvalho Cabral - IBGE; Lise Sedrez– UFRJ; Rogério Ribeiro de Oliveira – PUC/RJ; Gilmar Arruda - UEL; Regina Horta Duarte - UFMG; Eunice Sueli Nodari - UFSC; Aristides AthurSoffiatti– UENF; Paulo Henrique Martinez - UNESP.

**3 METODOLOGIA**

Com a intenção de obter informações acerca do estado da arte da História Ambiental, no Brasil, a metodologia foi dividida em duas etapas. Na primeira parte são expostas as estratégias de coleta de dados para a construção do perfil do pesquisador em História Ambiental, no Brasil; na segunda, os passos para a aplicação da pesquisa tipo *survey.*

**3.1 Perfil do Pesquisador em História Ambiental no Brasil**

Aprimeira etapadesta pesquisa esteve preocupada em identificar quem são, onde estão, quantos são, e o quê investigam os pesquisadores em História Ambiental no Brasil. Constitui um passo importante na análise do estado da arte da H.A no país, visto que, não há informação reunida e catalogada desta natureza. Assim, buscou-se desenvolver um banco de informações acerca do perfil dos pesquisadores em História Ambiental no Brasil; destacando: o quantitativo de pesquisadores por região do Brasil; por universidade e por formação acadêmica. Buscou, ainda, destacar os principais temas emergentes em História Ambiental, discutidos pelos pesquisadores.

Para a busca de pesquisadores em H.A foi adotado o seguinte critério: ser pesquisador ou participar de grupo de pesquisa (como mestrando ou doutorando), em universidade pública brasileira. Bem como, declarar-se, no *currículo lattes* ou documentos afins, pesquisador em História Ambiental.

Para tanto, foram adotados o seguinte conjunto de procedimentos:

- busca de informações, por via *internet*, nas universidades públicas de cada região brasileira - busca pelo tema H.A em cada universidade; busca por *currículo lattes* e busca por linhas de pesquisas, na temática em questão;

- busca por pesquisadores, na temática, por via *internet*, em fóruns e páginas de discussão em História Ambiental;

Os dados referentes ao quantitativo de pesquisadores por região do Brasil, por universidade e por formação acadêmica foram organizados, tabulados e representados por gráficos. Os dados referentes às temáticas emergentes em História Ambiental foram pesquisados através da análise do *currículo lattes*, nos itens específicos: “Linhas de Pesquisa” e “Pesquisa de Extensão”.

As estratégias acima possibilitaram identificar 68 pesquisadores, nas universidades públicas brasileiras, em História Ambiental.

**3.2 Aplicaçãode Questionários/Pesquisa Tipo *Survey***

A segunda etapa fezpesquisa do tipo *survey* aosestudiosos em História Ambiental, identificados na etapa anterior. Os questionários (ANEXO 1)foram enviados,acompanhados da carta de apresentação e de esclarecimentos, através de mensagens eletrônicas, para 60 (sessenta) pesquisadores, correspondendo a 90% do universo (68 pesquisadores). Foram respondidos o total de 17questionários (cerca de 28% do universo enviado).

O questionário é de caráter qualitativo, com questões estruturadas e abertas, distribuídas em dois blocos. O Bloco 1 buscou coletar informações acerca dos projetos em História Ambiental, desenvolvidos pelo pesquisador.Coletou informações acerca dos referenciais teóricos e metodológicos adotados em seus projetos; das principais fontes;das discussões em torno da interdisciplinaridade e das dificuldades encontradas para executá-los. O Bloco 2 esteve preocupado em obter informações acerca da História Ambiental como campo do conhecimento.Neste sentido, sondou opiniões gerais em torno das bases teóricas e metodológicas da História Ambiental.

**3.3 Método de Análise dos Resultados**

Optou-se por analisar os resultados em três etapas. No item 4 - “Resultados e Análises” -exposto a seguir, foram analisados, em primeiro plano, os resultados obtidos sobre o perfil dos pesquisadores. Aqui, foram construídos gráficos e tabelas, que foram analisados individualmente. Dando seguimento, foram analisados os resultados, também, expostos em gráficos, da pesquisa tipo *survey.*As análises foram feitas para cada resposta dos blocos do questionário (blocos 1 e 2), individualmente.

No item 5- “Análise Conjunta dos Resultados” foi realizado o esforço de cruzamento das informações obtidas no item 4 e de conclusão dos resultados.

**4Resultados e Análises**

Este item expõe os resultados das pesquisas feitas para a construção do perfil do historiador ambiental no Brasil e da pesquisa tipo*survey,* a partir da metodologia destacada no item 3 deste trabalho.

**4.1 Perfil do Pesquisador em História Ambiental no Brasil**

A Figura 1 destaca o quantitativo de pesquisadores em História Ambiental por região do Brasil. A maior parte está concentrada nas regiões sul (46%) e sudeste (34%) do país. Nestas regiões, vale destacar, está concentrado o maior número de núcleos de pesquisa em História Ambiental. Destaque deve ser dado ao Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental (LABIMHA), da Universidade Federal de Santa Catarina, coordenado por João Klug. Abriga, atualmente, 31 (trinta e um) pesquisadores, entre graduandos, mestrandos, doutorandos, doutores, pós-doutorandos e professores(LABIMHA, 2015).

As demais regiões brasileiras apresentam percentuais menos significativos. Destaque deve ser dado, entretanto, à região norte do Brasil. A pesquisa identificou, nesta região, apenas, 1 (um) estudioso na temática.

Este resultado afirma as regiões sul e sudeste como centros produtores, por excelência, do conhecimento em História Ambiental, no Brasil. É de se observar, contudo, que as áreas naturaismais conservadas/preservadas, no país, estão nas regiões centro-oeste e norte. Em função disso, poder-se-ia esperar a existência de pesquisadores mais sensibilizados e mobilizados pela questão. O centro-oeste e o norte do Brasil, juntos, somam o percentual pouco significativo de 12 % dos pesquisadores nacionais.

Estes resultados possibilitam inferir a História Ambiental, ainda, no Brasil, como um campo novo do conhecimento; bem como, as regiões sul e sudeste, enquanto captadoras das novidades acadêmicas; servindo estas, para as demais regiões, como caixa de ressonância de tais novidades.

**Figura 1-Pesquisadores em H.A por Região Brasileira.Fonte: Autora, 2015**

As Figuras 2, 3, 4 e 5 e a Tabela 1 destacam o quantitativo de pesquisadores por região e universidade brasileira. As regiões sul (Figuras 2) e sudeste (Figura 3) apresentaram o maior quantitativo de universidades com profissionais dedicados à História Ambiental. Foram identificadas, respectivamente, 11 e 14 universidades públicas.

Na região sul, o destaque deve ser dado à Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. A metade dos pesquisadores (50%) está concentrada nesta universidade. A Tabela 1 destaca 15 profissionais empenhados no estudo da temática nesta universidade. Como observado na análise da Figura 1, o destaque dado se deve ao LABIMHA, que se apresenta como forte catalisador dos estudos em História Ambiental no país.

Na região sudeste (Tabela 1) não há concentração de pesquisadores em determinada universidade; assim como aconteceu para a região sul. Tímido destaque (Figura 5) pode ser dado para: a Universidade Estadual de São Paulo - UEP (13%), Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ (13%) e Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (13%). Em segundo plano, para as universidades: Federal de Alfenas - UFA (9%) e Federal de Uberlândia - UFU (9%).

Até aqui, pode-se afirmar, que as regiões sul e sudeste dominam os estudos em História Ambiental, no país, com o maior número de universidades envolvidas; embora a região sul tenha um quantitativo de profissionais superior à região sudeste (Tabela 1) A região sul, todavia, em especial, a UFSC é o centro catalisador dos estudos em História Ambiental.

**Figura 2 - Pesquisadores em H.A por Universidades Brasileiras/Região Sul. Fonte: Autora, 2015**

**Figura 3 - Pesquisadores em H.A por Universidades Brasileiras /Região Sudeste. Fonte: Autora, 2015.**

Nas regiões centro-oeste e nordeste, além do baixo quantitativo de pesquisadores na temática, num total de 7 e 5, respectivamente (Tabela 1), os mesmos estão distribuídos em poucas universidades públicas (Figuras 4 e 5j). Destaque, entretanto, deve ser dado às universidades: Nacional de Brasília (UNB) e Estadual de Goiás (UEG), no centro-oeste (Figura 3) e a Universidade Federal de Pernambuco -UFP.

Na região norte brasileira foi identificado, nas pesquisas, 1 (um) estudioso assumido na temática da História Ambiental, sediado na Universidade Federal de Rondônia - UFRO (Tabela 1). Pela importância da região norte brasileira, quanto ao seu papel de reserva de ecossistemas naturais, era de se esperar que os estudos em História Ambiental pudessem estar mais contemplados junto aos estudiosos da região.

**Figura 4 - Pesquisadores em H.A por Universidades Brasileiras / Região Centro-Oeste. Fonte: Autora, 2015.**

**Figura 5 -Pesquisadores em H.A por Universidades Brasileiras/Região Nordeste. Fonte: Autora, 2015.**

**Tabela 1 - Quantitativo de Pesquisadores por Regiões e Universidades Brasileiras**

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| **Região Sul** | | | | |
| **Universidades** | | | **Quantitativo** | |
| Universidade Estadual de Maringá - UEM | | | 2 | |
| Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG | | | 2 | |
| Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC | | | 15 | |
| Universidade Federal do Rio Grande - FURG | | | 2 | |
| Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP | | | 1 | |
| Universidade Estadual de Londrina - UEL | | | 1 | |
| Universidade de Passo Fundo - UPF | | | 1 | |
| Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS | | | 3 | |
| Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA | | | 1 | |
| UNICENTRO / Paraná | | | 4 | |
| Universidade Federal de Blumenau -FURB | | | 1 | |
| Total Parcial | | | 32 | |
| **Região Centro-Oeste** | | | | |
| **Universidades** | | **Quantitativo** | | |
| Universidade Nacional de Brasília - UNB | | 3 | | |
| Universidade Estadual do Centro-Oeste - UECO | | 1 | | |
| Universidade Estadual de Goiás - UEG | | 3 | | |
| Total Parcial | | 7 | | |
| **Região Nordeste** | | | | |
| **Universidades** | | **Quantitativo** | | |
| Universidade Federal de Pernambuco - UFPE | | 2 | | |
| Universidade Federal de Sergipe - UFSE | | 1 | | |
| Universidade Federal de Campina Grande - UFCG | | 1 | | |
| Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS | | 1 | | |
| Total Parcial | | 5 | | |
| **Região Sudeste** | | | | |
| **Universidade** | **Quantitativo** | | | |
| Universidade de São Paulo - USP | 1 | | | |
| Universidade do Estado de São Paulo - UNESP | 1 | | | |
| Universidade Estadual de Minas Gerais - UEMG | 1 | | | |
| Universidade Estadual de Montes Claros - UEMC | 1 | | | |
| Universidade Federal de Alfenas - UFA | 2 | | | |
| Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG | 2 | | | |
| Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ | 3 | | | |
| Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ | 3 | | | |
| Universidade Federal Fluminense - UFF | 1 | | | |
| Universidade Federal do Rio de Janeiro -UNIRIO | 1 | | | |
| Universidade Federal de Uberlândia - UFU | 2 | | | |
| Fundação Instituto Osvaldo Cruz - FIOCRUZ | 1 | | | |
| Universidade Estadual do Paraná - UEP | 3 | | | |
| Universidade Federal do Norte Fluminense - UENF | 1 | | | |
| Total Parcial | 23 | | | |
| **Região Norte** | | | | |
| **Universidade** | | | | **Quantitativo** |
| Universidade Federal de Rondônia - UFRO | | | | 1 |
| Total Parcial | | | | 1 |
| Total | | | | 68 |

**Fonte: Autora, 2015**

A Figura 6 apresenta a formação dos profissionais em História Ambiental, no Brasil. Há predominância de profissionais com formação em História (90%). Embora a História Ambiental ainda seja, claramente, uma seara de empreendimento por parte dos historiadores, a Figura 6 mostra, contudo, a penetração, embora tímida, da História Ambiental, nos mais diferentes campos do saber.

Estes dados apontam que a característica interdisciplinar da História Ambiental,talvez, esteja, ainda, se firmando, no Brasil; ao mesmo tempo, destacam a emergência de diferentes campos do saber, envolvidos com a discussão. Contudo, as pesquisas de levantamento de dados, feitas para esta parte do trabalho, mostram que parte significativa desses pesquisadores está associada a projetos, com um tema-gerador único, onde cada um colabora com a sua expertise. Tal fato pode denotar o desenvolvimento da pesquisa interdisciplinar para a temática, em questão, no país.

**Figura 6 - Formação Básica dos Pesquisadores em H.A no Brasil. Fonte: Autora, 2015.**

A Tabela 2 está preocupada em destacar os principais temas discutidos em História Ambiental pelos pesquisadores selecionados neste trabalho. A pluralidade de temas chama a atenção, mostrando que não existe preferência temática para os estudos da História Ambiental, no Brasil. Contudo, é de se destacar os seguintes temas: H.A, Migrações e Alterações Espaciais, com 15 ocorrências; H.A, Ecologia Política e Políticas Públicas, com 11 ocorrências e H.A e Educação, com 10 ocorrências.

O predomínio do tema H.A, Migrações e Alterações Espaciais deveu-se, mais uma vez, aos pesquisadores vinculados ao laboratório LABIMHA - UFSC, fazendo da temática uma das mais exploradas, em História Ambiental, no país.

O tema H.A, Ecologia Política e Políticas Públicas abraçaram discussões em torno das disputas e discussões acerca dos recursos naturais e ambientes e/ou das políticas públicas delas derivadas. A preocupação com as políticas públicas adotadas no Brasil, ao longo da História; bem como, as estratégias de lutas dos atores sociais, para o uso e domínio de certos recursos naturais e ambientes, foi a tônica deste grupo temático.

O tema H.A e educação emerge com uma pluralidade de iniciativas. São pesquisas feitas nos livros de História e afins acerca da apropriação dos recursos naturais e ambientes ao longo da História. Cursos de extensão, projetos e eventos em História Ambiental são observados neste tema. Há, ainda, trabalhos com fins à produção didática em torno da História Ambiental dos lugares. Em geral, são trabalhos para o ensino fundamental e médio.

Pode-se, ainda, destacar as temáticas: H.A e Destruição de Biomas / Ecossistemas; H.A e Alterações da Paisagem Urbana;H.A e Questões Epistemológicas/Historiografia/Interdisciplinaridade e H.A e História Ambiental da Região. Neste bloco, são discutidos a história ambiental dos biomas e ecossistemas e o tratamento dado ao mesmo, ao longo do tempo.

Há trabalhos, ainda, preocupados com a evolução dos ambientes das cidades no Brasil. Muitos desses trabalhos estão vinculados ao planejamento e a gestão ambiental urbana. A História Ambiental funciona, assim, como instrumento iluminador das questões urbanas ambientais, no presente.

As questões de cunho epistemológicas, no interior da historiografia, são abordadas. A interdisciplinaridade aparece em muitos trabalhos como necessidade estratégica e metodológica para os estudos em História Ambiental. Muitos projetos, sob esta temática, estão atrelados há muitos departamentos de ensino, no interior das universidades, atestando o caráter interdisciplinaridade para a reflexão deste campo do saber.

Como já foi observado, há uma pulverização de temas sendo abordados, hoje, na História Ambiental. Esta constatação chama a atenção. O artigo de DRUMMOND (1991), intitulado “História Ambiental; temas, fontes e linhas de pesquisas”, desenvolvido há mais de vinte anos, destaca as regiões com homogeneidade naturais (biomas/ecossistemas) como temas prioritários há época. É interessante ressaltar, que este tema prioritário no passado, entrou para o segundo escalão. Outros e muitos temas emergiram e se tornaram prevalentes.

**Tabela 2 - Principais Temas Discutidos**

|  |  |
| --- | --- |
| **Linhas de Pesquisas/Projetos de Pesquisa** | **Quantitativo** |
| 1- H.A , Migrações e Alterações Espaciais | 15 |
| 2- H.A e Desastres Ambientais | 3 |
| 3- H.A e Saúde e Saneamento | 6 |
| 4- H.A e Movimentos Sociais | 3 |
| 5- H.A e Representações Sociais | 6 |
| 6- H.A e Destruição de Biomas/Ecossistemas | 9 |
| 7- H.A e Políticas Públicas Agrárias | 3 |
| 8- H. A e Recursos Hídricos | 2 |
| 9- H.A e Memória da Paisagem | 2 |
| 10- H.A e Cultura e Ambiente | 3 |
| 11- H.A e Alteração da Paisagem Urbana | 7 |
| 12- H.A e Agricultura/Alimento | 6 |
| 13- H.A e Educação (livros/cursos/materiais didáticos) | 10 |
| 14- H.A, Gênero e Ecofeminismo | 2 |
| 15- H.A e E.A | 3 |
| 16-H.A e Questões Epistemológicas/Historiografia/Interdisciplinaridade | 8 |
| 17-H.A e Construção de Redes Sociais | 1 |
| 18-H.A e fauna | 2 |
| 19-H.A e Ecologia Política/Políticas Públicas | 11 |
| 20- H.A e História Ambiental da Região | 8 |
| 21- H.A e História Biográfica (vida e obra) | 6 |
| 22- H.A e Questões Climáticas | 4 |
| 23- H.A e Banco de Dados | 1 |

**Fonte: Autora, 2015.**

**4.2 Análise dos Questionários / Pesquisa *Survey***

As análises dos questionários estão divididas em duas partes: análise do Bloco 1 - referente aos estudos, desenvolvidos pelos pesquisadores, em suas instituições, e o Bloco 2 - referente à História Ambiental, enquanto campo do conhecimento.

**4.2.1 Dados dos Respondentes**

As Figuras 7 e 8 destacam, respectivamente, a origem por universidade e a formação básica dos respondentes. A maior parte dos respondentes estão locados nas universidades do sul e sudeste do país.Três respondentes são da Universidade Estadual de Goiás. E, apenas, 1 (um) respresentou as universidades do nordeste (Figura 1).

Apesar desta pesquisa ter se esforçado para abarcar uma parcela mais significativa do universo de pesquisadores em História Ambiental (17 respondentes), no Brasil; vale ressaltar, que a amostragem dos respondentes foi satisfatória, principalmente, levando-se em conta que esta pesquisa tem caráter introdutório. A pesquisa obteve respostas de universidades diferentes, favorecendo a não concentração de respostas, oriundas de uma mesma universidade ou grupo de pesquisa.

Os respondentes, em sua maioria, eram graduados em História (Figura 2), refletindo os resultados expostos no item anterior (4.1) acerca da formação básica do pesquisador ambiental, no Brasil. Alguns tinham mais de uma formação básica.

**Figura 7 - Origem dos Respondentes por Universidade. Fonte: Autora, 2015.**

**Figura 8 - Formação Básica dos Respondentes. Fonte: Autora, 2015.**

**4.2.2Análise do Bloco 1**

* **História Ambiental: Sob um “Mix Teórico-Metodológico”**

Quando os pesquisadores foram perguntados pelo referencial teórico-metodológico, adotados em suas pesquisas, em História Ambiental, houve uma variação considerável de respostas (Figura 9). Parte considerável dos pesquisadores, entretanto, observou que dispõe, em seus estudos, de diferentes referenciais teóricos, num verdadeiro “mix teórico-metodológico” (termo de um respondente). Isto significa que, dependendo da natureza da pesquisa, um ou outro referencial é acionado.

Observou-se, ainda, que o “mix teórico-conceitual”, por vezes, significa abarcar, em uma mesma pesquisa, diferentes referenciais teórico-metodológicos, quando se faz necessário.

Como se observa, além do “mix teórico-metodológico” adotado, alguns pesquisadores definem seus trabalhos sob o referencial da história cultural, da micro-história, da teoria da complexidade, da trans e interdisciplinaridade e, também, em destaque, do materialismo histórico.

**Figura 9 - Referencial Teórico-Metodológico em H.A. Fonte: Autora, 2015.**

* **Diferentes Fontes de Pesquisa e os Documentos Oficiais Escritos**

Quando perguntados sobre as fontes, utilizadas em suas pesquisas, os historiadores ambientais, não só destacaram um amplo espectro destas (Figura 10), quanto afirmaram, em vias de regras, que as utilizavam em conjunto (Figura 11).

A Figura 10 mostra, que apesar das diversas fontes, os documentos oficiais escritos e tradicionais, nas pesquisas em História, continuam sendo privilegiados nos estudos em História Ambiental; mesmo que o pesquisador opte pelo uso de diferentes fontes em uma mesma pesquisa.Seguem, atrás das fontes documentais oficiais escritas, em destaque, os jornais e revistas de época, os depoimentos e entrevistas atuais, os livros e artigos acadêmicos.

A Figura 10 mostra o quantitativo de fontes diferenciadas, que podem ser utilizadas em uma única pesquisa. A grande maioria dos respondentes observou utilizar mais de três fontes diferentes. Poucos foram comedidos e disseram utilizar não mais do que três tipos de fontes diversas para as suas pesquisas.

**Figura 10 - Fontes Utilizadas na Pesquisa. Fonte: Autora, 2015.**

**Figura 11 - Quantidade de Fontes Utilizadas. Fonte: Autora, 2015.**

* **A Interdisciplinaridade e a Importância da Geografia**

A Figura 12 mostra que a maior parte dos historiadores ambientais desenvolve seus trabalhos em diálogo com outros campos do conhecimento. As muitas e diferentes áreas dos conhecimentos chamam a atenção. Áreas das ciências naturais, biológicas, sociais atuariais, tecnológicas e outras são destacadas; evidenciando que o historiador ambiental, no Brasil, vem exercitando a interdisciplinaridade, necessária aos estudos em História Ambiental. Lembrando, que a grande maioria dos pesquisadores no Brasil sãohistoriadores de formação básica (Figura 7), é de afirmar, aqui, que os historiadores, que fazem história ambiental, estão encarando um grande desafio, para além de suas áreas de formação. A Geografia é a ciência mais frequentada entre os pesquisadores, seguida da Biologia e das Ciências Sociais e políticas, em geral. Estes dados reforçam as discussões feitas no item 2 destes trabalho, referente à importância da Geografia, no entendimento da realidade histórica dos lugares.

Para a História Ambiental, a Geografiase coloca como um campo do conhecimento de forte potencial articulador entre a física dos espaços e os empreendimentos sociais, que neles são realizados, contribuindo para a compreensão da história ambiental dos lugares.

É de se destacar, ainda, em segundo plano, a importância do diálogo com as ciências biológicas e as ciências sociais e políticas. Em relação à Biologia, cabe ressaltar, que os respondentes citaram a interface de suas pesquisas com os diferentes ramos desta ciência, a saber: ecologia, zoologia e botânica.

**Figura 12- Campos do Saber em Interface com Pesquisa em H.A. Fonte: Autora, 2015.**

* **Pesquisas entre 3 a 6 anos. Financiadas pelos Órgãos Públicos**

A Figura 13 aponta que o tempo de duração das pesquisas é, para a maioria, entre 3 a 6 anos; embora é de se ressaltar, que algumas ultrapassam a duração de 10 anos. Estas pesquisas são realizadas, em grande parte, com financiamento, destacando a CAPES, o CNPq e os órgãos estaduais de fomento à pesquisa (FEPExx) como principais credores (Figura 14).

**Figura 13 -Tempo de Duração da Pesquisa. Fonte: Autora, 2015.**

**Figura 14 - Fontes de Financiamento da Pesquisa. Fonte: Autora, 2015.**

* **Dificuldades no Exercício da Interdisciplinaridade**

Ao serem perguntados, acerca das maiores dificuldades, encontradas para a realização de suas pesquisas, as respostas foram muitas e variadas. A Falta de financiamento, as dificuldades com o trato da interdisciplinaridade, a falta de apoio institucional e a falta de tempo foram as maiores dificuldades encontradas (Figura 15).

Apesar da maioria dos respondentes mencionarem, que as pesquisas têm financiamento por órgãos de fomento (Figura 14), muitos expuseram as dificuldades para a conquista de tais financiamentos. Observaram que, cada vez mais, o acesso aos recursos financeiros vem sendo reduzido, dificultando o andamento da pesquisa.

Outros expuseram a dificuldade do exercício da interdisciplinaridade, para fazer História Ambiental. Realmente, como já foi observado anteriormente (Figura 12), os historiadores ambientais vêm lançando mão de diferentes áreas do conhecimento, exigindo destes grande elasticidade intelectual para dar conta do objeto de análise da História Ambiental. Trafegam, a maioria, entre as ciências naturais, sociais e áreas tecnológicas.

A falta de apoio institucional, observado por alguns respondentes, se deve à ausência de apoio em recursos e pessoal, por parte das universidades em que os mesmos estão alocados.Soma-se a esta questão, a falta de tempo para realização das pesquisas. Muitos observaram que estão submetidos a um regime de trabalho intenso em suas instituições; absorvidos, na maioria das vezes, pelas aulas e orientações de trabalhos de fim de curso.

Dentre as dificuldades observadas pelos respondentes, vale lembrar, que a maior parte não está diretamente ligada às pesquisas em História Ambiental. A maioria dos problemas apontados é estrutural da educação superior no Brasil. Apenas a dificuldade com o trato da interdisciplinaridade constitui, de fato, uma dificuldade inerente à História Ambiental.

As dificuldades com o trabalho interdisciplinar, por parte dos historiadores ambientais, mereceriam ser mais exploradas. O trânsito entre os diferentes campos do saber é uma necessidade inerente à História Ambiental e, talvez, esteja, aqui, o problema principal para se fazer História Ambiental. Contudo, frente ao escopo deste trabalho não foi possível explorar esta questão mais profundamente.

**Figura 15 - Dificuldades Encontradas no Desenvolvimento da Pesquisa. Fonte: Autora, 2015.**

**4.2.3Análise do Bloco 2**

* **História Ambiental: Objeto de Estudo Definido**

Ao serem perguntados como definiam “História Ambiental”, todos os respondentes afirmaram ser um novo campo do conhecimento, que trata, em linhas gerais, da relação estabelecida entre as sociedades humanas e a natureza, ao longo do tempo histórico.

As respostas em uníssono, dadas à questão, chamaram atenção nesta pesquisa, mostrando que a História Ambiental é um campo com seu objeto claramente definido. A ideia desta pergunta era a de apontar possíveis divergências ou pluralidades quanto ao entendimento do objeto deste novo campo do conhecimento.

* **História Ambiental: Diálogo Prioritário com a Biologia, Geografia e Ciências Sociais e Políticas**

Esta questão buscou sondar os campos de conhecimento em diálogo com a História Ambiental, para além das pesquisas executadas pelos respondentes. Mais uma vez, a Biologia, a Geografia e as Ciências Sociais e Póliticas se apresentaram e se firmaram como ciências prioritárias na interdiscipinaridade com a História Ambiental (Figura 16).

No campo da Biologia houve destaque para a importância da Ecologia, no trato interdisciplinar com a História Ambiental. No campo das Ciências Sociais e Políticas, o destaque foi dado para a Antropologia e a Etnografia.

**Figura 16- Campos do Saber em Diálogo com a H.A. Fonte, 2015.**

* **José Augusto Pádua: Importante Referência em História Ambiental no Brasil**

A pergunta a seguir objetivou identificar os historiadores ambientais, que são referências no Brasil. A grande referência, no país, é José Augusto Pádua - professor do Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Seguindo Pádua, vem José Augusto Drummond - cientista político e professor da Universidade Nacional de Brasília e Regina Horta - historiadora e professora da Universidade Federal de Minas Gerais (Figura 17).

É interessante observar que, tanto José Augusto Pádua, quanto José Augusto Drummond são pioneiros na discussão da História Ambiental, no país. Com pesquisas-referências, desenvolvidas há décadas, sem dúvida, foram balizadores dos estudos em História Ambiental no país.

É de se destacar, entretanto, a emergência de novos protagonistas da História Ambiental no país. Destaque para Victor Leonardi, Eunice Nodari e Paulo Henrique Martinez.

* **Dean, McNeill, Crosby e Cronon - Importantes Referências em História Ambiental no Mundo**

Quando perguntados sobre os historiadores ambientais, que são referências em História Ambiental, no mundo, os respondentes identificaram, com destaque: Warren Dean, John Mcneill, Alfred Crosby e Willian Cronon (Figura 18). Sem dúvida, estes estudiosos influenciaram, e continuam a influenciar, na formação do historiador ambiental, no Brasil, com seus estudos clássicos e referências na temática.

Contudo, como se pode observar, o espectro de historiadores ambientais, referência no mundo, segundo os pesquisadores brasileiros, é muito amplo. Todos eles estão sedimentados na temática há anos; alguns mais diretamente, outros tangencialmente à temática.

**Figura 17 - Pesquisadores Referências em H.A no Brasil. Fonte: Autora, 2015.**

**Figura 18 - Pesquisadores Referências em H.A no Mundo. Fonte: Autora, 2015.**

* **A Ferro e a Fogo: livro Preferido em História Ambiental do Brasil**

O clássico livro sobre a Mata Atlântica brasileira, de autoria de Warren Dean, é o mais lido e a maior referência entre os historiadores ambientais, no Brasil (Figura 19). Sem dúvida, Warren Dean é pioneiro nos estudos da história ambiental brasileira. De origem norte-americana, foi um brasilianista, que se ocupou, pela primeira vez, em descrever e analisar as relações estabelecidas entre a sociedade brasileira, que se compunha, e a natureza; tendo o ecossistema Mata Atlântica, como estudo de caso.

Outros livros/artigos aparecem, contudo, menos expressivamente; mas levando em conta, que a História Ambiental é “novidade” na academia brasileira, os mesmos são referências importantes, que devem ser considerados, enquanto formadores dos historiadores ambientais brasileiros. O livro “Um sopro de destruição”, de José Augusto Pádua, referido como um dos mais importantes historiadores ambientais, no Brasil (Figura 17), é notado. Assim como, as obras de José Augusto Drummond “As bases teóricas da História Ambiental” e “Proteção à natureza e identidade nacional no Brasil, em composição com J. L. Andrade e Franco.

A primeira obra de Drummond, acima destacada, é um artigo de 1991. Com a proposta de estruturar as bases teóricas da História Ambiental, no Brasil, Drummond divulgou a História Ambiental e ganhou adeptos. O livro “História Ambiental no Brasil, de Eunice Carvalho, é um estudo intróito à História Ambiental. De fácil leitura,busca odidatismo e, também, a divulgação da História Ambiental, no país.

A obra de Vitor Leonardi, de 1999, intitulada “Os historiadores e os rios - natureza e ruína na Amazônia brasileira” - é outro material clássico notado pelos respondentes. “O Homem e o mundo natural”, de Kheith Thomas, é um clássico internacional. Foi aqui citado com a justificativa de ser a obra internacional de maior influência no Brasil.

**Figura 19 - ObraReferência em H.A no Brasil. Fonte: Autora, 2015.**

* **As obras de Crosby, Keith Thomas e Worster: Referências no Mundo**

A Figura 20 aponta as clássicas obras, referências no mundo: “Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa, 900 a 1900, de A. Crosby; “O homem e o mundo natural”, de Keith Thomas e *Nature’s Economy: a History of Ecological Ideas*, de Donald Worster. Todas produzidas entre as décadas de 70 e 80.

É interessante ressaltar, entretanto, que algumas obras citadas são mais jovens e parecem ter adquirido certo *status*, enquanto referência em História Ambiental, no mundo, segundo os historiadores ambientais brasileiros.É o caso das obras: “*States ofNature*”, de Stuart McCook, do ano de 2002 e *“Something New Under the Sun: AnEnvironmental History of the 20th-Century World”,* produzida em 2000, por John McNeill.

**Figura 20- ObraReferência em H.A no Mundo. Fonte: Autora, 2015.**

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **Legenda**   |  |  | | --- | --- | | **Livro 1 -** | Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa, 900-1900 - Alfred Crosby | | **Livro 2-** | Wilderness and the American Mind - Roderick Frazier Nash | | **Livro 3-** | De la Economia-Ecologica al Ecologismo Popular - J. Martinez-Alier | | **Livro 4-** | O Homem e o Mundo Natural – Keith Thomas | | **Livro 5-** | Something New Under the Sun: An Environmental History of the 20th-Century World - John McNeill | | **Livro 6-** | Armas, Germes e Aço - Jared Diamond | | **Livro 7-** | Nature’s Economy: a History of Ecological Ideas - Donald Worster | | **Livro 8-** | States of Nature - Stuart McCook | | **Livro 9-** | Metabolismos, Naturaleza e História. Uma teoria de las transformaciones sócio-ecológicas -Molina e Toledo | |  |  |  |
|  |  |  |  |
|  |  |  |  |
|  |  |  |  |
|  |  |  |  |
|  |  |  |  |
|  | |  |  |
|  |  |  |  |
|  | | | |  |
|  |  |
|  |  |
|  |  |
|  |  |
|  |  |
|  |  |
|  | |
|  |  |
|  | |

**5 QUADRO-RESUMO DO ESTADO DA ARTE DA HISTÓRIA AMBIENTAL NO BRASIL**

Este item busca resumir o estado da arte da História Ambiental, no Brasil, compondo um panorama geral e conclusivo, a partir dos dados obtidos e analisados nesta pesquisa.

Frente aos resultados, pode-se afirmar que as regiões Sul e Sudeste são os *loccus* privilegiados da pesquisa em História Ambiental, no Brasil; com muitas universidades envolvidas; porém, com prevalência da Universidade Federal de Santa Catarina e do laboratório LABINHA (região sul), das universidades: Federal do Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro eUniversidade Estadual de São Paulo.

Há pesquisadores com formações diversas, embora a História seja a formação predominante. Os temas relativos às migrações/alterações espaciais, educação e ecologia política/políticas públicas prevalecem no temário das pesquisas em História Ambiental, no Brasil; embora exista uma quantidade significativa de novos temas em emergência. Destaque, em segundo plano, deve ser dado aos temas: história ambiental /educaçãoe história ambiental / ecologia política /políticas públicas.

Os respondentes da pesquisa *survey,* locados, em sua maioria, nas universidades do sul e do sudeste brasileiros, têm formação básica em História. Utilizam de um “mix teórico-conceitual”, para analisar seus objetos de pesquisa; além de diferentes fontes. Contudo, em relação às fontes, cabe observar: os documentos oficiais escritos estão presentes, sempre, em suas pesquisas, mesmo que em composição com outros tipos de fontes.

A maior parte das pesquisas têm duração média entre 3 a 6 anos e são financiadas por órgãos públicos competentes. As pesquisas têm a Geografia como a grande interlocutora e o exercício da interdisciplinaridade é a maior dificuldade enfrentada pelos historiadores ambientais brasileiros.

Os historiadores ambientais brasileiros têm definido, claramente, o objeto de estudo da História Ambiental: “estudo da relação estabelecida entre as sociedades humanas e a natureza, ao longo do tempo histórico”. Consideram, ainda, que a Geografia, a Biologia e as Ciências Sociais e Políticas são as interfaces necessárias ao desenvolvimento dos estudos em História Ambiental.

O professor José Augusto Pádua, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é a referência de História Ambiental, no Brasil. No mundo, os pesquisadores de maior referência são: McNeill, Crosby e Cronon.

No Brasil, o livro de maior referência é “A ferro e a fogo”, de Warren Dean e no mundo, as preferências são para os livros: Imperialismo Ecológico: a expansão biológica da Europa, 900 a 1900 (Crosby); “O homem e o mundo natural” (Keith Thomas) e *Nature’s Economy of ecological ideas* (Worster).

**6 CONCLUSÕES**

Este trabalho evidenciou queos estudos em História Ambiental, no Brasil, estão em expansão**.** Embora **c**oncentrado nas regiões sul e sudeste do país, os pesquisadores, em sua maioria historiadores, abordam temas variados; para além daqueles tradicionalmente tratados em todo mundo. O temário é amplo e, certamente, seu estudo, nas mais diferentes facetas, contribui para a compreensão da ecologia política atual brasileira.

É de se ressaltar, ainda, que apesar da predominância dos historiadores nos estudos em História Ambiental, há a emergência, no cenário brasileiro, de profissionais de diferentes áreas do conhecimento; fazendo da História Ambiental um profícuo campo de charneira entre historiadores e demais especialistas, no desenvolvimento de pesquisas que tendem a ampliar-se em seu caráter trans e interdisciplinar.

Embora os pesquisadores mencionarem ter dificuldades no trato da interdisciplinaridade, parece que os desafios as superam. O grupo de pesquisa LABIMHA, da UFSC, é um bom exemplo, no país, de comprometimento conjunto e interdisciplinar para o desenvolvimento de pesquisas em História Ambiental. Tal disposição, entretanto, não foi encontrada entre pesquisadores das universidades públicas das regiões norte e centro-oeste brasileiros, onde a História Ambiental é um campo ainda por ser descoberto ou recentemente descoberto, merecendo mais investimento.

Há, no país, um notório avanço nos estudos da História Ambiental,com diferentes pesquisadores envolvidos e temas variados. Contudo, os estudiosos pioneiros da temática continuam sendo as maiores referências; assim como, suas obras, que permanecem como balizadoras da História Ambiental, no país. Tais estudiosos e obras, em História Ambiental, no país, mantêm-se como referências por mais de vinte anos.A mesma observação pode ser feita em relação aos estudiosos e obras, referências mundiais em História Ambiental, no Brasil. Estudiosos e obras “clássicas” mundiais são citados como referência, por parte dos pesquisadores brasileiros. Muitos estudiosos citados e suas respectivas obras são referências por mais de trinta anos, no Brasil.

Com o crescimento notório do interesse pela História Ambiental, no país, acredita-se que, no futuro, novos trabalhos e pesquisadores apresentar-se-ão como referências no Brasil e no mundo - seja em relação às bases teóricas, conceituais e metodológicas da História Ambiental, ou em relação ao conhecimento dos ecossistemas naturais brasileiros.

**7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa, como já foi ressaltado anteriormente, tem caráter preliminar ao entendimento do estado da arte da História Ambiental, no Brasil; esperando, no futuro, por um maior aprofundamento de suas questões. A pesquisa terá continuidade no Laboratório de Geografia da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - LABGEO BAIXADA / UERJ, objetivando a criação de um banco de dados e a ampliação das questões tratadas neste trabalho.Com disponibilidade de tempo e de infraestrutura, espera-se dar continuidade à proposta, buscando, para a mesma, financiamentos, através das agências de fomento, no país. Assim como, espera-se angariar pesquisadores e estudantes, interessados na temática, para a composição de uma equipe de trabalho interdisciplinar.

Durante a realização desta pesquisa, algumas questões foram observadas. A autora está consciente da necessidade de ampliação do quantitativo dos respondentes, a fim de traçar um perfil mais fidedigno do estado da arte da História Ambiental, no país; embora os resultados obtidos tenham sido significativos e satisfatórios em um trabalho de caráter introdutório, atendendo às exigências de um TCC.

Observa-se, ainda, que a ampliação desta pesquisa, no futuro, contará com a absorção das universidades e centros de pesquisa privados; bem como, organizações não governamentais, que é sabido, vêm desenvolvendo trabalhos na temática da História Ambiental há anos.

Além da ampliação amostral, ficou clara a necessidade, também, de ampliação/reformulação do questionário. Durante a tabulação dos dados, novas questões emergiram e outras se mostraram insuficientes/incompletas. Outras questões, no entanto, foram muito satisfatórias, com respostas esclarecedoras, anunciando novidades, que merecem desdobramentos e mais investimento na pesquisa.

Outrossim, esta pesquisa atendeu aos objetivos estipulados e aos interesses da autora, que vem há alguns anos, mobilizada para o estudo da temática da História Ambiental, procurando abrir discussão quanto ao objeto e abordagens deste novo campo de conhecimento.

**8 REFERÊNCIAS**

ABREU, M. *Geografia histórica do Rio de Janeiro* - 1502-1700. Rio de Janeiro: Andrea Jokobson Estúdio/CNPq/FAPERJ/IPP, v. 1, 2010.

CROSBY. A. W. *Inperialismo ecológico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

DRUMMOND, J.A. *Devastação e preservação ambiental no Rio de Janeiro*: Niterói: EDUFF, 1997.

DRUMMOND. J.**A.** *A história ambiental*: temas, fontes e linhas de pesquisa. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n 8, 1991.Disponível em:<<http://bibliotecadigital.fgv.br>>. Acesso em: 19 dez. 2015.

BURKE, P.*A Escola de Annales* - 1929 - 1989. São Paulo: Editora UNESP, 1990.

BRAUDEL, F. *O Espaço e a história*. São Paulo: Editora Martisn Fontes, 1985.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *Memórias do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Multinova, 1998.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *História e ciências sociais*: a longa duração. In: NOVAIS, F. A e SILVA, R. F. *Nova história*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

DEAN, W. *A ferro e a fogo:* história e devastação da Mata Atlântica brasileira. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1996.

DOSSE, F. *O traje novo do presidente Braudel*.In: LOPES, M. A (org). Fernand Braudel - Tempo e história. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.

DUARTE, R. H. *História e natureza.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.

DUTRA, E. R. F. *Tempo e estrutura na unidade do mundo mediterrâneo*: Fernando Braudel e as voltas da história. In: LOPES, M. A (org). Fernand Braudel - Tempo e história. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.

HOLANDA, S. B. *Monções.* São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LABIMHA (Laboratório de Imigração e História Ambiental). Disponível em: <http://www.labimha.com.br>. Acesso em: 19 dez. 2015.

LAMEGO, A. R. *O homem e o brejo.* Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1941.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *O homem e a restinga*. 1945.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *O homem e a serra*. Rio de Janeiro: IBGE, 1950.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *O homem e a Guanabara*. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: IBGE, 1964.

MCNEILL, J. R. *Naturaleza y cultura de La historia ambiental*. Nómadas (col), n. 22, abr, 2005. Disponível em<:<http://www.redalyc.org>>. Acesso em: 19 dez. 2015.

PÁDUA, J. A. *Um sopro de destruição* - pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888). Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2002.

### \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *As bases teóricas da história ambiental*. Estud.av, São Paulo, v. 24, n. 68. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 19 dez. 2015.

POBLET, M. D. M. F. J. *A dimensão espaço-temporal em Fernand Braudel: aportesteóricos para a Geografia.* 2011. 165f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociência, Universidade Federal de Minas Gerais, BH. 2011.

PRADO JÚNIOR, C. *Formação do Brasil contemporâneo:* colônia. 23. ed. São Paulo:Editora Brasiliense, 2008.

RBHA (Rede Brasileira de História Ambiental). Disponível em: <<http://www.historiaambiental.org>>. Acesso em: 19 dez. 2015.

REIS, J. C. *O desafio historiográfico*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

SANTOS, M. Por uma Nova Geografia. Rio de Janeiro: Hucitec, 1978.

SEABRA, L.S. *História ambiental da bacia do rio Macacu quinhentista*: Impactos e Transformações Espaciais. In: 2° Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações, 2; 2012. Florianópolis. *Anais...* Universidade Federal de Santa Catarina. LABINHA, 2012.

TEIXEIRA, F.C e CALDAS, P.S P. *História contemporânea*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, v. 1, 2011.

TURNER, F. *O espírito ocidental contra a natureza*. Mito, história e terras selvagens. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1983.

WORSTER, D. *Para fazer história ambiental.* Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.4, n 8, 1991. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br>. Acesso em: 19 dez. 2015.

**9ANEXO**

**Carta de Apresentação e Esclarecimento**

**Prezado Pesquisador,**

Esta carta vem com o objetivo de solicitar a sua colaboração na pesquisa intitulada “A História Ambiental na Historiografia Contemporânea Brasileira”. A referida pesquisa busca atender às exigências do curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UNIRIO. Constitui um trabalho de cunho monográfico - trabalho de Conclusão de Curso (TCC), desenvolvido pela graduanda Lilia dos Santos Seabra (matrícula 1226090228), com a proposta de identificar e discutir o estado da arte da História Ambiental no Brasil. A orientação é realizada pela professora Dr Lise Sedrez, do Departamento de História / UFRJ.

A sua participação na pesquisa é muito importante, embora seja voluntária. Ela consiste em responder algumas questões sobre os projetos de pesquisa que você desenvolve em História Ambiental e as suas concepções acerca deste campo do conhecimento.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado, que possa identificá-lo, será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa. O material coletado será armazenado em lugar seguro, com manuseio privado à pesquisadora e orientação.

Qualquer dúvida, você pode entrar em contato pelo e.mail: [liliaseabra@oi.com.br](mailto:liliaseabra@oi.com.br); ou pelos telefones: 21- 25434746 e 21 - 981150333.

Caso decida por responder o questionário, faça a devolução através do mesmo e.mail, pelo qual o mesmo foi enviado.

Agradeço, desde já, a sua atenção e colaboração.

Lilia dos Santos Seabra

Graduanda em História - UNIRIO

Mat: 12216090228

**Questionário**

**Nome do pesquisador: -----------------------**

**Universidade: ---------------------------------**

**Formação na Graduação:------------------**

**Bloco 1- Dados sobre os Projetos de Pesquisa**

1- Você poderia fazer um resumo do referencial teórico e metodológico adotados em suas pesquisas na temática da H.A?

--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

2- Quais as fontes que normalmente utiliza em suas pesquisas?

-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

3- Quais os campos do saber em interface com a sua pesquisa?

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

4- Em geral, qual o tempo de duração de suas pesquisas em H.A?

--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

5- São pesquisas financiadas por alguma Instituição de Fomento? Qual (is)?

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

6- Quais as dificuldades encontradas para a realização da pesquisa?

----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Bloco 2 - Sobre História Ambiental**

1 Como você definiria “História Ambiental”?---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

2- Para você, quais os campos do saber mais importantes, que devem dialogar, para a realização de uma pesquisa em História Ambiental? Marque os 3 (três) mais importantes.

1. Geografia
2. Antropologia/Etnografia
3. Ciências Sociais/Ciências Políticas
4. Arqueologia
5. Filosofia
6. Campo das Engenharias
7. Literatura/Artes
8. Psicologia
9. Biologia/Ecologia
10. Geologia

Outras:-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

3- Destaque 3 (três) autores que você considera referências em História Ambiental, no Brasil e  3 (três) no mundo.

-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

4  - Se você tivesse que citar apenas 1(uma) obra, que é a sua referência de História Ambiental, no Brasil, qual seria? E no mundo?

------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**MUITO OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÂO!**